



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LAURA ZELITA SILVA SANTANA

**UM VIÉS ANALÍTICO VOLTADO PARA A ADAPTAÇÃO FÍLMICA
DA OBRA “MORTE E VIDA SEVERINA”**

Itaituba – PA

2021

LAURA ZELITA SILVA SANTANA

**UM VIÉS ANALÍTICO VOLTADO PARA A ADAPTAÇÃO FÍLMICA
DA OBRA “MORTE E VIDA SEVERINA”**

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) apresentado
à Faculdade de Itaituba (FAI) para obtenção do título
de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Ma. Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

Itaituba – PA

2021

SANTANA, Laura Zelita Silva. Um viés analítico voltado para a adaptação fílmica da obra “Morte e Vida Severina”. Laura Zelita Santana. Itaituba: – PA/ FAI, 2020

57 fls: il.

Orientadora: Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, Curso de Licenciatura Plena em Letras.

1. Literatura. 2. Morte e vida Severina. I. NASCIMENTO, Mara Aparecida Pereira do. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR - PA, 2021.

LAURA ZELITA SILVA SANTANA

**UM VIÉS ANALÍTICO VOLTADO PARA A ADAPTAÇÃO FÍLMICA
DA OBRA “MORTE E VIDA SEVERINA”**

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) apresentado
à Faculdade de Itaituba (FAI) para obtenção do título
de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a Ma. Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente/Orientadora: _____ Nota: _____
Prof^a. Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Ma.

Avaliadora 1: _____ Nota: _____
Prof.^a Walbea Lucia Lobato Martins, Espc.

Avaliadora 2: _____ Nota: _____
Prof.^a Margaret Ferreira de Aguiar Espc.

Resultado: _____ Nota: _____

Itaituba-PA: 13 de agosto de 2021, às 18 horas.

*Dedico este trabalho a minha mãe
Lenita e a minha filha Maria Clara.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por sempre renovar minhas forças a cada amanhecer.

A minha família pelo apoio constante a cada etapa de aprendizado nesses longos anos de aprendizado, citando, meus irmãos **Samuel** e **Paulo Júnior**, minha cunhada **Patrícia**.

Agradeço imensamente a minha amiga também minha professora **Railane Figueira** por não me deixar desistir da minha formação.

Ao meu Advogado, **Lineker Figueira**, pelo incentivo a seguir sempre em frente.

A minha orientadora Prof.^a Ma. **Mara Nascimento**, pelo incentivo constante na produção deste trabalho.

Agradeço também a Faculdade de Itaituba – FAI, por disponibilizar docentes altamente capacitados para compartilhar seus conhecimentos com a classe acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Saudade tem de carrada
Lembrança tem de montão
Tristeza tem de manada
Nos pastos da solidão
A morte aqui é plantada
Tem muita alma penada
Habitando este sertão

Tem vezes que a fome é tanta
O mais valente não aguenta
Toda essa falta de janta
Sob um calor de quarenta
Seca a goela e a garganta
Dá uma fraqueza tão santa
Uma lerdeza jumenta

Quem vive neste sertão
Quando morrer vai pro céu
Aqui não tem um cristão
Vivendo de vinho e mel
Come é da falta do pão
Bebe é da sede do cão
Morre quem ganha um troféu

Mas cedo ou tarde esse povo
Suportador dessa agrura
Mesmo na falta de ovo
Na escassez da rapadura
Cedo ou tarde acusa o estorvo
E vota bem pra ter de novo
Felicidade e fartura

(Sertão das Almas – Túlio Borges)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Alguns componentes da Semana da arte Moderna.	17
Ilustração 2 - Retrato de Antônio de Alcântara Machado.	19
Ilustração 3 - Retrato de Mario de Andrade.....	20
Ilustração 4 - Foto de Oswald de Andrade..	21
Ilustração 5 - Retrato de Manoel Bandeira.....	22
Ilustração 6 - Poema concretista de Manuel Bandeira.	23
Ilustração 7 - Retrato de Carlos Drummond de Andrade.....	24
Ilustração 8 - Estátua de Carlos Drummond de Andrade.	25
Ilustração 9 - Retrato de Cecília Meireles.....	25
Ilustração 10 - Retrato e estátua de Vinícius de Moraes.	26
Ilustração 11 - Retrato de Guimarães Rosa.	28
Ilustração 12 - Retrato de Clarice Lispector.	28
Ilustração 13 - Retrato de João Cabral de Melo Neto.....	29
Ilustração 14 - Estátua em homenagem a Melo Neto.....	33
Ilustração 15 - Reprodução da capa e contra capa do livro.....	35
Ilustração 16 - Capa do DVD Morte e vida Severina. F.....	41
Ilustração 17 - Ator José Dumont, se apresentando como Severino. 21.	43
Ilustração 18 - Nascimento do filho do seu José (Mestre Carpina).....	52

RESUMO

Os objetivos da pesquisa em questão compreendem observar a construção da Adaptação fílmica da obra *Morte e vida Severina*, retomar um pouco do contexto sócio econômico e cultural apresentados e analisar questões existencialistas implícitas na linguagem imagética da adaptação realizada para as telas. A metodologia adotada compreende uma pesquisa bibliográfica, de natureza básica, exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa. O protagonista Severino, se sente incapaz de encontrar características pessoais ou sociais que o diferenciem de tantos outros retirantes, mas sua particularidade o torna um símbolo das regiões assoladas pela seca. As emoções estéticas na plenitude das palavras se confundem com a emoção da vida real. João Cabral de Melo Neto apresenta uma forma de escrita condizente com a ambientação áspera do Nordeste, oferecendo um texto poético carregado de imagens fortes e marcantes. Portanto, a adaptação audiovisual da obra para as telas foi um desafio. Porém, seus idealizadores foram fieis às falas, ao cenário proposto a linguagem imagética. A obra *Morte e Vida Severina* traz aspectos marcantes da vida no sertão nordestino, onde a presença da morte é constante para quem vive nesse contexto social, o que se colocando em questão o propósito do ser humano em um mundo que não é como deseja ou tenha escolhido. No entanto, segundo a visão do Existencialismo filosófico o que somos não está predeterminado. O enfoque deste estudo foi observar a existência humana, de modo geral, qual figura como uma incógnita que só tem como verdade absoluta, seu fim. Portanto, a percepção da finitude humana, ou seja, morte e vida, representa uma limitação, gerando ansiedade. *Morte e vida Severina* trata-se de uma obra universal, pois o sofrimento do homem esquecido pelo poder se espalha como histórico do mundo todo. Também condiz com uma literatura atemporal, pois não se trata de problemas de um passado remoto nem de um presente chocante, mas sim de repetição de histórias deste que o mundo é mundo, o que lhe confere a verossimilhança precisamente perceptível.

Palavras - chaves: *Morte e Vida Severina*. Adaptação Fílmica. Existencialismo Implícito.

ABSTRACT

The objectives of the research in question include observing the construction of the filmic Adaptation of Death and Life Severina, resuming a little of the socio-economic and cultural context presented and analyzing existentialist issues implicit in the imagery language of the adaptation made for the screens. The adopted methodology comprises a bibliographical research, of a basic, exploratory and descriptive nature, with a qualitative approach. The protagonist Severino feels unable to find personal or social characteristics that differentiate him from so many other retreatants, but his particularity makes him a symbol of regions devastated by drought. The aesthetic emotion in the fullness of the words is confused with the emotion of real life. João Cabral de Melo Neto presents a form of writing consistent with the harsh environment of the northeast, offering a poetic text loaded with strong and striking images. Therefore, the audiovisual adaptation of the work to the screen was a challenge. However, its creators were faithful to the speeches, to the proposed scenario, the imagery language. The work *Morte e Vida Severina* brings remarkable aspects of life in the northeastern hinterland, where the presence of death is constant for those who live in this social context, which calls into question the purpose of human beings in a world that is not as they want or have chosen. However, according to the view of philosophical Existentialism what we are is not predetermined. The focus of this study was to observe human existence, in general, which figure as an unknown that only has its end as an absolute truth. Therefore, the perception of human finitude, that is, death and life, represents a limitation, generating anxiety. Death and life Severina is a universal work because the suffering of man forgotten by power spreads as a history of the whole world. It is also consistent with a timeless literature, as it is not a matter of problems from a remote past or a shocking present, but rather from the repetition of stories that the world is a world, which gives it a precisely perceptible verisimilitude.

Keywords: Death and life Severina. Film adaptation. Implicit Existentialism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 O MODERNISMO: ASPECTOS CONCEITUAIS E ORIGINÁRIOS	12
2.2 O MODERNISMO NO BRASIL	14
2.3 AS FASES DO MODERNISMO NO BRASIL	17
2.3.1 A primeira fase modernista brasileira	17
2.3.2 A segunda geração modernista brasileira	24
2.3.3 A terceira geração modernista brasileira	27
3 METODOLOGIA	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
4.1 UM POUCO SOBRE O POETA ENGENHEIRO	32
4.2 APRESENTAÇÃO DA OBRA	34
4.3 POSSÍVEIS ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS OBSERVADOS	38
4.4 ADAPTAÇÃO FILMICA DA OBRA MORTE E VIDA SEVEREINA	40
4.5 MORTE E VIDA: REFLEXÕES EXISTENCIAIS E A FINITUDE HUMANA	42
5 CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

A motivação para este estudo partiu da reflexão de que a maioria das análises realizadas sobre a obra *Morte e vida Severina* de João Cabral de Melo, sem tirar o mérito destes trabalhos, podem ser consideradas superficiais, visto que somente focam na construção da identidade cultural do nordeste do Brasil, os aspectos socioeconômicos, mostrando a falta de oportunidade de trabalho, a morte precoce enfrentada diariamente como consequência de uma vida sofrida de pobreza, da seca do interior e ainda, a guerra por terras, enfim, contexto social de muitos retirantes que rumam não, somente para as grades cidades do restante do país, mas também para as capitais e metrópoles de seus Estados nordestinos, acreditando encontrar uma vida mais digna.

Justifica-se, a dedicação a uma pesquisa como esta refletindo-se que uma futura professora de Literatura, uma das formações possibilitadas por um curso de Licenciatura Plena em Letras, terá como matéria prima para trabalhar com seus alunos esta arte da escrita que abrange possibilidades mil de interpretações e análises, pois na literatura reside traços da Política, da Psicologia, da Sociologia, da Filosofia e demais saberes da humanidade, trazendo conhecimento de mundo e intelectualização do alunado em formação.

A base da proposta existencialista é analisar o ser humano em seu todo e não dividido em aspectos internos, que englobam a mente, a cognição e os sentimentos externos que diz respeito ao corpo, comportamento e ações (PENHA,2014). Nesse sentido, a questão norteadora deste estudo engloba: Quais aspectos do existencialismo filosófico podem ser observados nas entrelinhas da obra *Morte e vida Severina*, independente da ambientação do seu enredo, do contexto socioeconômico e cultural explorado.

Os objetivos da pesquisa em questão compreendem observar a construção da Adaptação fílmica da *Morte e vida Severina*, retomar uma pouco do contexto socioeconômico e cultural apresentados, analisar questões existencialistas implícitas na linguagem imagética da adaptação realizada para as telas.

A metodologia adotada compreende uma pesquisa de natureza básica, exploratória e descritiva, tendo caráter técnico a pesquisa bibliográfica, trazendo autores que abordam o tema, tais como Aguiar (2015), trazendo em sua pesquisa os aspectos sociais de *Morte e Vida Severina* e suas rupturas. Tem-se também como

matéria de pesquisa, Costa (2020), trazendo a Literatura e análise social: morte e vida Severina como referência de interpretação sociológica, além de Siman e Rauch (2017), Curado (2027), Faqueri (2016), entre outros de grande valia. Cita-se com ênfase também Dallazen (2019), trazendo como tema “Morte e vida Severina – um (des) encontro com a vida, onde ela aborda as dificuldades vividas pelo povo nordestino”, Fiddan (2010), trazendo em seu artigo “A identidade do nordeste do Brasil nas obras morte e vida Severina de João Cabral de Melo Neto e auto da compadecida de Ariano Suassuna”, onde é feito um comparativo entre as obras citadas. Morelli; Silva 2016, trazem algumas reflexões teológicas em seu artigo tendo como tema “A presença da Morte e da Vida em Morte e vida Severina’: algumas considerações teológicas” Já Pereira e Faqueri (2016), fazem uma análise sobre as adaptações existentes da obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto, tendo o artigo como tema “Adaptações de Morte e Vida Severina: A Intermedialidade na obra de João Cabral de Melo Neto.”.

Para a análise dos dados coletados a abordagem é qualitativa, sendo ela descrita por Prodanov; Freitas (2013, p.70) como: uma análise que não necessita do uso de métodos e técnicas estatísticas, sendo assim de grande valia o ambiente real e a fonte direta para a coleta de dados. Ou seja, traz o processo e seu significado como foco principal de abordagem.

A estruturação deste Trabalho de Conclusão de Curso, inicialmente, traz uma fundamentação teórica abordando aspectos gerais do Modernismo brasileiro, suas fases, características e autores em destaque, visto que, João Cabral de Melo Neto pertence a esta escola literária. Na sequência, apresenta-se a metodologia escolhida para elaboração deste trabalho acadêmico de forma detalhada. Os resultados e discussões trazem informações sobre quanto o poeta em questão, sobre a obra. Aborda alguns dos possíveis aspectos socioeconômicos e culturais observados, a dinâmica da adaptação fílmica da obra e, em especial, reflexões existenciais e a finitude humana expressas nas entrelinhas da linguagem imagética do filme.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O MODERNISMO: ASPECTOS CONCEITUAIS E ORIGINÁRIOS

O modernismo é uma corrente artística que surgiu na última década do século XIX. A denominação deste movimento deve-se à loja Art Nouveau (arte Nova) que o alemão Samuel Bing abriu em Paris no ano de 1895, na sequência difundiram-se diferentes traduções em outras partes e lugares da Europa. Na Espanha, Modernismo, na Alemanha Jugendstil, na Áustria, Secessão e na Inglaterra e na Escócia, Modern Style (BARBOSA, 2001).

O contexto histórico que envolveu a origem do Modernismo foi marcado por grandes transformações na história, mais especificamente, a Revolução Russa (1917), provocando muitas mudanças nas bases sociais e econômicas, o fim da Grande Guerra Mundial; a abolição da propriedade privada, o fim dos privilégios da nobreza, e a expansão e progresso tecnológico, científico e cultural (CANDIDO, 1985).

As obras modernistas incorporam conceitos da subjetividade. As principais características são: rompimento com o tradicionalismo; Desejo de chocar a opinião, inovação de forma; reprodução estética da realidade da época; reposta à desintegração social causada pelo cenário de guerra (BARBOSA, 2001).

A dinâmica histórica engloba determinantes que motivaram artistas a produção de novas formas de expressar a arte, favorecendo o surgimento de novas tendências e concepções estéticas. As vanguardas europeias foram tendências artísticas de ruptura com a arte tradicional (CANDIDO, 1985).

O termo vanguarda, corrente ocorrida no decorrer do século XIX é de origem militar; designando a parte de um exército situado à frente das tropas. Sua etimologia vem do francês *avant-garde*, em metáfora passou a significar o movimento artístico que marcha na frente do seu tempo projetando inovação nas artes em geral, apontando para caráter combativo em luta abertura de novos caminhos artísticos (SANTOS; SOUZA, 2009).

A arte de vanguarda ficou a serviço do progresso social, buscando autonomia de criação da arte. Surpreendentemente, o modernismo conseguiu apoio e adesão da alta burguesia. As vanguardas dividem-se em: Futurismo, Expressionismo, Dadaísmo e Surrealismo (BARBOSA, 2001).

O futurismo, primeiro movimento de vanguarda europeia, além dos costumes e da Política, atingiu as Artes Plásticas, a Música e a Literatura. O futurismo objetivava negar e romper o passado, mas também com o próprio presente (SANTOS; SOUZA 2009).

Vale comentar que na primeira fase do futurismo (1905-1909) o verso livre é definido, ou seja, aqueles que não têm compromisso com os padrões clássicos de metrifcação tradicional de composição de versos poéticos, portanto, já representando importante característica da Literatura moderna (CANDIDO, 1985).

Cita-se como características marcantes da arte futurista: a arte como um choque de lutas, uma arte combativa, agressiva, impactante, conceito de beleza, diferente do clássico, luta contra a sintaxe tradicional, também contra o passado, interesse primordial por inovações no campo da arte (BARBOSA, 2001).

O **Expressionismo**, com bastante vigor na Alemanha. Na Literatura se estendeu à poesia, ao teatro, ao romance e ao ensaio. Havia muitos poemas inspirados na catástrofe da guerra, traduzindo o sentimento de horror, bem como, de sofrimento e solidariedade humana (SANTOS; SOUZA 2009).

O **Dadaísmo**, movimento de vanguarda mais radical devido ao seu caráter de negação tudo, criticavam o tom de verdade absoluta, ao repudiar o bom senso e a serenidade e tudo aquilo que fosse do domínio da consciência. No surrealismo também havia interesse por tudo que fosse contrário à lógica e fora do controle da consciência mais tarde, (1925-1930), acontece o período de reflexão, com interesse à revolução social (CANDIDO, 1985).

Sobre o termo dadaísmo, dada não significa nada, e nada é sua palavra fundamental. Dada seria o dilúvio após o qual tudo recomeça, o que reforça a ideia radical o movimento que queria destruir tudo que era passado para construir o novo. Os dadaístas, inclusive, cortavam palavras, formando palavras-frase (SANTOS; SOUZA, 2009).

O **Surrealismo** tem inspiração dadaísta tais como o amor ao protesto, a valorização do improviso e da espontaneidade no manejo da linguagem, há a exploração das relações da linguagem e da arte com o inconsciente: o sobrenatural, os sonhos, a loucura, os estados alucinatórios. Observa-se técnica da escritura automática, ou seja, escrever sem pensar, sob o impulso. Há também uma revalorização do romantismo (SANTOS; SOUZA 2009).

O movimento modernista apresentou tanto características quanto motivações próprias em cada país, conforme cada contexto histórico. Em Portugal, onde tem seu marco inicial em 1915 com a publicação da Revista Orpheu, depois da sua proclamação em república, surgiram dois partidos políticos: os Situacionistas e os Inconformados, que pensavam e se expressavam de formas diferentes (CANDIDO, 1985).

Os Situacionistas, ao lançar a Revista Águia, externavam que não desejavam a ruptura com o passado, mas sim a proposta do saudosismo objetivando resgatar a época gloriosa do país por meio da Literatura, enquanto que os Inconformados propunham inovação tendo o objetivo de romper com o padrão e estilo tradicional (CANDIDO, 1985).

Em suma, o Modernismo representou a ruptura com padrões e a inovação, apresentando proposta inovadora nas formas de manifestações artísticas, tendo como principais características a liberdade de expressão, subjetividade, ruptura com os padrões estéticos do passado no tópico seguinte apresenta-se o Modernismo no Brasil.

2.2 O MODERNISMO NO BRASIL

No Brasil, o Modernismo literário surgiu no início do século XX, mais precisamente, no período compreendido entre 1922 a 1930 em um momento histórico bastante conturbado, pois os reflexos da Primeira Guerra Mundial também estavam presentes na sociedade brasileira e o cenário político nacional favorecia um posicionamento diferente (SANTOS; SOUZA 2009).

Estavam em andamento no país os seguintes fatos: a industrialização e seu crescimento; transformações tecnológicas apontando para a luz elétrica o telefone, o avião e o cinema. Também aconteciam crises políticas, tensões, muita agitação, bem como, diferenciações de ideias (VERÍSSIMO, 1995).

Possui a Semana da Arte Moderna em 1922, como marco simbólico e oficial, realizada em 1922, no teatro Municipal da cidade de São Paulo, devido ao Centenário da Independência. Este evento cultural foi idealizado e liderado pelos escritores Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia e pela pintora Anita Malfatti, contando com várias participações artísticas tanto da literatura,

da música, das artes plásticas, entre outros. Houve grande repercussão no cenário artístico e cultural brasileiro (COUTINHO; COUTINHO, 1997).

Mais especificamente, o evento partiu do empresário Paulo Prado e foi articulado por Di Cavalcanti, com o objetivo de pregar a renovação da arte e a temática nativista.

Corroboram Santos e Souza (2009), informando que participaram desta Semana pintores, escultores, literatos, arquitetos e intelectuais e que o evento aconteceu entre os dias 13 e 17 de fevereiro, contando com sessões literárias e musicais no auditório, além da exposição de artes plásticas no saguão

Consta que as manifestações receberam muitas críticas negativas por parte da plateia, formada pela elite paulista, o que causou impacto, mas acabou por contribuir para abertura de debates em âmbito nacional, bem como a difusão das novas ideias expostas (SANTOS; SOUZA, 2009).

A Semana Da Arte Moderna é considerada um dos principais eventos da história da arte no Brasil, pontuando firmemente a insatisfação com a cultura vigente, qual era submetida a modelos importados, visto que a partir do início do século XX havia no Brasil grande inquietação por parte de artistas e intelectuais em relação ao academicismo que imperava no cenário artístico (SANTOS; SOUZA, 2009). Compreende-se que o Modernismo Brasileiro marcava emergência para a reafirmação da busca de uma arte verdadeiramente brasileira.

Conforme corroboram Coutinho e Coutinho (1997) ao afirmar que entre os objetivos, o evento ressaltava a intenção de causar na população uma tomada de consciência quanto à realidade brasileira, como também, compreendia uma geração de artistas e intelectuais que defendiam que a arte deveria transmitir a identidade brasileira naquele momento.

Comenta Abreu (2007) que o Modernismo pontuava que a arte deveria ser a voz da identidade brasileira. Além disso, em consonância com as características das tendências modernistas mundiais, que a arte não tivesse amarras estéticas, abolindo as preocupações com estilos rígidos ou normas acadêmicas tradicionais.

Teles (1987) chama a atenção para os principais aspectos do Modernismo brasileiro que estabelece uma aproximação com as vanguardas europeias. As primeiras exposições de vanguardas expressionistas que houveram pelo Brasil, por volta de 1913, despertaram algumas atenções, mas somente em 1917, com a

segunda exposição de Malfatti e com a esta exposição por parte Monteiro Lobato, que ideias renovadoras foram realmente polarizadas.

Depois da Semana de Arte Moderna de 1922, surgiram vários manifestos das vanguardas do século XX, como Manifesto Pau-Brasil em 1924, possibilitando formação de opinião sobre essa nova estética para a poesia; citando-se também o Manifesto o Antropófago, publicado por Oswald de Andrade (TELES, 1987).

Vários artistas, depois de passarem temporadas em Paris traziam informações e novidades dos movimentos de vanguarda que efervesciam pela Europa, como por exemplo Graça Aranha quem trouxe inegável influência francesa perceptíveis nas suas produções, bem como, a nítida preocupação com a estética moderna, ideia popularizada pelo futurismo, uma vanguarda bastante revolucionária, também visível na teoria poética de Mário de Andrade (TELES, 1987).

Os futuristas traziam a concepção das palavras em liberdade, desprezando a sintaxe habitual, substituída por associações em que a lógica não é clara, técnica bastante utilizada por Mário de Andrade, poeta que muito intencionava criticar a burguesia, valendo-se dessas inovações, inclusive criando expressões usando dois substantivos (MOISÉS, 1996).

Ressalta-se que são recursos futuristas a valorização do espaço em branco na poesia, a união de palavras conforme seu som, conforme suas imagens contrastantes que se atraem e sequência desordenada de elementos, configurando assim recursos do sonoro e do sentido (MOISÉS, 1996).

A densidade psicológica, o modo de apreensão subjetiva da realidade a dor, o lamento e a destruição constituem o universo poético dos expressionistas. Augusto dos Anjos aproximou-se de muitos dos aspectos do Expressionismo, visto que sua poesia apresenta clima de agonia universal, tão valorizada pela vanguarda expressionista (SANTOS; SOUZA, 2009).

Quanto ao Dadaísmo, foi a mais violenta e o manifesto antropófago, publicado por Oswald de Andrade, manteve um diálogo com essa vanguarda que também florescia no Brasil, pois na Revista Antropofagia, Oswald de Andrade também utilizou técnicas do dadaísmo.

Em suma, o Modernismo no Brasil aconteceu em três fases ou gerações, sendo mais comumente denominadas pelos teóricos estudiosos com primeira fase (1922-1930), segunda fase (1930-1945) e terceira fase, ou pós-modernismo: (1945-1978), as quais serão apresentadas na sequência.

2.3 AS FASES DO MODERNISMO NO BRASIL

2.3.1 A primeira fase modernista brasileira

O Modernismo representou um rompimento de artistas e intelectuais com o tradicionalismo cultural no Brasil, correspondendo, conforme já mencionado, ao período de 1920 a 1930. Pode ser considerada a fase radical deste movimento por conta de seu caráter anárquico destruidor. Os artistas têm em comum a busca pela origem, daí vem o nacionalismo e acarreta a volta às origens e valorização do índio brasileiro (HARDMAN, 2000).

Esta fase era composta principalmente por artistas considerados rebeldes e revolucionários, na época, isso porque eram combativos ao entender seu papel de oposição à antiga ordem. É nítido que o nacionalismo era muito presente, apresentando aspectos cotidianos da população brasileira e sua cultura (LAFETÁ, 2000).

A Semana de Arte Moderna (1922), ocorrida nesta fase do Modernismo Brasileiro, trouxe rompimento e destruição das estruturas clássicas. Segue foto de alguns dos seus participantes, entre estes, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira:



Ilustração 1 - Alguns componentes da Semana da arte Moderna. Fonte: Funks (2019).

Mário de Andrade chamou a primeira fase do Modernismo de “fase da destruição”, já que é totalmente contraditória ao parnasianismo ou simbolismo das décadas anteriores.

Observa-se nas obras desta fase fragmentação e flashes cinematográficos, livre associação de ideias, valorização de temas simples e comuns, ruptura com a gramática normativa valorizando e utilizando o coloquialismo. Tanto na prosa, quanto na poesia havia a posicionamento e postura crítica perante valores sociais. O recurso do humor também se faz presente para a crítica realizada, trazendo a ironia, poema-piada, paródia (HARDMAN, 2000).

A ruptura com o tradicionalismo é observada pela liberdade total do formal nas construções poéticas, utilizando versos livres e brancos. Conforme Cereja e Magalhães (2005) esclarecem, na Teoria da Literatura, os versos livres, também conhecidos como versos irregulares, geralmente não apresentam nem rima e nem métrica. Mais especificamente, os versos livres são aqueles que não apresentam um padrão definido de métrica, não obedecendo, portanto, às formas fixas, mas, embora, possam apresentar rimas. Os versos brancos, também chamados de versos soltos são aqueles que não apresentam esquemas de rima.

Esta primeira fase modernista também é marcada pelos manifestos nacionalistas: manifesto do Pau-Brasil, da Antropofagia, do Verde-Amarelismo e o da Escola da Anta (LAFETÁ, 2000).

Manifesto Pau-Brasil: foi escrito por Oswald de Andrade, em 1924, apresentando proposta de uma Literatura vinculada à realidade do país brasileira e às características culturais do seu povo. Seu objetivo era causar sentimento nacionalista e uma retomada de consciência nacional. Portanto, é considerado mais do que um movimento artístico, mas, como um movimento político e social, se opunha à política totalitária e contradição social entre os proletários e imigrantes e as oligarquias rurais (CANDIDO, 1985).

Manifesto verde amarelo ou verde-amarelismo: apresentado, principalmente, também por Oswald de Andrade, liderado por Plínio Salgado, surgiu, em 1926, como resposta ao nacionalismo afrancesado do manifesto do Pau-Brasil. Seu objetivo era propor um nacionalismo puro, primitivo, sem qualquer tipo de influência (CANDIDO, 1985).

Manifesto da Anta: parte do movimento Verde-Amarelismo, representando a proposta do nacionalismo primitivo elegendo como símbolo nacional a “anta” valorizando a língua indígena tupi (LAFETÁ, 2000).

Manifesto da Antropofagia ou antropofágico: “se origina a partir de uma tela batizada de Abaporu de Tarsila do Amaral. Assinado por Oswald de Andrade foi publicado entre 1928 e 1929. Trata-se de uma nova etapa do nacionalismo “Pau-Brasil” e resposta ao manifesto Verde-Amarelismo. Segundo Cândido (1985) representou uma devoração dos valores europeus, a fim de superar a civilização patriarcal e capitalista, com suas normas rígidas no plano social, bem como, contra os seus recalques impostos (HARDMAN, 2000).

As características destes manifestos identificam duas posturas nacionalistas distintas: de um lado o nacionalismo consciente, crítico da realidade brasileira, e de outro um nacionalismo ufanista, utópico e exacerbado (CÂNDIDO, 1985).

Cita-se como principais escritores da primeira fase do Modernismo: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Antônio de Alcântara Machado.

Antônio de Alcântara Machado – cronista e contista teve seu primeiro livro, “Pathé Baby”, contando com prefácio de Oswald de Andrade. Depois de tornar-se amigo de Oswald de Andrade, aderiu ao movimento modernista e tornou-se um dos nomes mais significativos da prosa da Geração de 22, colaborando, inclusive, participou da fundação das revistas de ideias modernistas (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).



Ilustração 2 - Retrato de Antônio de Alcântara Machado. Fonte: <https://www.google.com>. 2021.

Vale comentar que Antônio de Alcântara Machado é bastante lembrado pelo dinamismo das suas narrativas por sua linguagem objetiva, concisa e popular,

provavelmente, características advindas da jornalística (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

Mário de Andrade - sua obra é marcada por irreverência, coloquialismo, nacionalismo, exercício de demolição e crítica. Entre as obras marcantes do período modernista brasileiro destaca-se aqui “Macunaíma” (1928), tendo como protagonista um Herói sem nenhum caráter, criando assim um anti-herói com um perfil indolente, brigão, covarde, sincero, mentiroso, trabalhador, preguiçoso, malandro, enfim, multifacetado (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).



Ilustração 3 - Retrato de Mario de Andrade. Fonte: <https://www.todamateria.com.br>. 2021.

A obra Macunaíma, de autoria de Mario de Andrade, foi inspirada no folclore indígena da Amazônia, mesclando a lendas e tradições das mais variadas regiões do Brasil. Conforme o perfil de ruptura com o tradicional, Macunaíma é uma figura totalmente fora dos esquemas tradicionais da prosa de ficção, aglutinando de alguns possíveis tipos brasileiros (MORAES, 2001).

Oswald de Andrade – este escritor e dramaturgo foi figura fundamental dos principais acontecimentos da vida cultural brasileira na primeira metade do século XX com atuação marcada pelo seu espírito irreverente, polêmico, irônico e combativo. Ele representa uma das principais lideranças no processo de implantação e definição da literatura modernista no Brasil (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

Oswald de Andrade sempre foi irônico e crítico, pronto para satirizar os meios acadêmicos ou a própria burguesia, classe da qual se originou. Sem ser ingênuo e

ufanista, defendia a valorização de nossas origens, do passado histórico-cultural, mas de forma crítica (CANDIDO, 1985).

Uma das propostas mais importantes do projeto artístico de Oswald era a ruptura com os padrões da língua literária culta e a busca de uma prosódia brasileira, que incorporasse todos os erros gramaticais, vistos por ele como uma contribuição para a definição da nacionalidade, como no poema “Pronominais” (CANDIDO, 1985).

Na sua visão de Brasil, procura captar a natureza e as cores próprias do país, flagra igualmente as contradições moderno-primitivista de nossa realidade, como no poema “Bucólica”: (CANDIDO, 1985).



Ilustração 4 - Foto de Oswald de Andrade. Fonte: <https://www.google.com>. 2021.

Suas obras apresentam um nacionalismo que buscava, defendia e valorizava as origens, ou seja, o passado histórico-cultural, de forma crítica, parodiando, ironizando e atualizando a história de colonização sem perder a visão crítica da realidade (CANDIDO, 1985).

Manuel Bandeira - este escritor buscou inspiração para escrever sobre temas, primeiramente, a própria vida especificamente, a família, a morte, a infância no Recife, o rio Capibaribe (MORAES, 2001).



Ilustração 5 - Retrato de Manoel Bandeira. Fonte: <https://www.google.com>. 2021.

O escritor não participou diretamente da Semana da Arte Moderna de 1922., mas, do seu livro *Carnaval* (1919), seu celebre poema “Os sapos”, foi declamado pelo Ronald de Carvalho. Segue a poesia:

Enfunando os papos, Saem da penumbra, Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra. //Em ronco que aterra, Berra o sapo-boi: - "Meu pai foi à guerra!" - "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!" //O sapo-tanoeiro, Parnasiano aguado, Diz: - "Meu cancioneiro É bem martelado.//Vede como primo Em comer os hiatos! Que arte! E nunca rimo Os termos cognatos.//O meu verso é bom Frumento sem joio. Faço rimas com Consoantes de apoio.//Vai por cinquenta anos Que lhes dei a norma: Reduzi sem danos A fôrmas a forma.//Clame a saporaria Em críticas céticas: Não há mais poesia, Mas há artes poéticas..."//Urro o sapo-boi: - "Meu pai foi rei!" - "Foi!" - "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!" //Brada em um assomo O sapo-tanoeiro: - A grande arte é como Labor de joalheiro.//Ou bem de estatuário. Tudo quanto é belo, Tudo quanto é vário, Canta no martelo".//Outros, sapos-pipas (Um mal em si cabe), Falam pelas tripas, - "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!" //Longe dessa grita, Lá onde mais densa A noite infinita Veste a sombra imensa; //Lá, fugido ao mundo, Sem glória, sem fé, No perau profundo E solitário, é //Que soluças tu, Transido de frio, Sapo-cururu Da beira do rio... (BANDEIRA, 1919 *apud* FUNKS, 2019).

A poesia *Os sapos* reproduz as características essenciais defendidas pelos parnasianos. Trata-se, portanto, de um poema que carrega métrica regular e preocupação com a sonoridade, imitações que neste caso estão a serviço da rejeição à poesia parnasiana (FUKS, 2019).

Os versos trabalham com a **ironia** e com a **paródia** a fim de despertar o público leitor para a necessidade de ruptura e transformação da poesia. Os sapos mencionados (o boi, o tanoeiro, o pipa) são **metáforas dos diferentes tipos de**

poetas O sapo-tanoeiro é um típico exemplar do poeta parnasiano, que destila as regras de composição: Para ele, a grande poesia é como o ofício de um joalheiro, há que se lapidar com precisão e paciência. O sapo-cururu, por sua vez, é uma representação do poeta modernista que aspira por liberdade e reivindica a simplicidade e o uso de uma linguagem cotidiana. Quando entra em cena, ele apresenta-se com uma opinião divergente se comparada a todos os outros sapos (FUKS, 2019).

Apesar de Manuel Bandeira ser mais conhecido pelo seu vínculo com o Modernismo, seus os primeiros poemas possuem características do parnasianismo e do simbolismo (FUKS, 2019). Ao filiar-se ao Modernismo também produziu poesia concreta, como por exemplo na poesia “Ponteio” que segue:

dever
de ver
tudo verde
tudo negro
verde-negro
muito verde
muito negro
ver de dia
ver de noite
verde noite
negro dia
verde-negro
verdes vós
verem eles
virem eles
virdes vós
verem todos
tudo negro
tudo verde
verde-negro

Ilustração 6 - Poema concretista de Manuel Bandeira. Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br>. 2020.

Bandeira Trabalhou temas que partiram da sua constante observação da rua e seus mendigos, prostitutas, meninos carvoeiros, carregadores das feiras. Sua escrita trazia humor, ceticismo, ironia, tristeza e alegria dos homens, bem como, a idealização de um mundo melhor (MORAES, 2001).

Na sequência desta pesquisa explanamos características, e principais autores da terceira e última fase do Modernismo brasileiro.

2.3.2 A segunda geração modernista brasileira

A segunda geração modernista brasileira (1930) também é chamada de o romance de 30, ou geração dos 30, pois trazia artistas que já vinham de rompido com as tradições, o que os levou a experimentar várias possíveis formas de expressão (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

As obras da segunda geração modernista apresentavam maior engajamento com os aspectos sociais. As produções, respeitando a liberdade artística, ainda continham elementos nacionais, mas sem os excessos do experimentalismo dos anos de 1920, ou seja, da primeira fase. Nesta fase objetivam compreender a relação entre indivíduo e sociedade (HARDMAN, 2000). Desta fase destacamos: Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles; Vinícius de Moraes, Rachel de Queiroz; Jorge Amado; Graciliano Ramos; Érico Veríssimo e José Lins do Rego.

Carlos Drummond de Andrade - sua poesia apresenta reflexão existencial, analisando o homem em uma sociedade cada vez mais tecnológica.

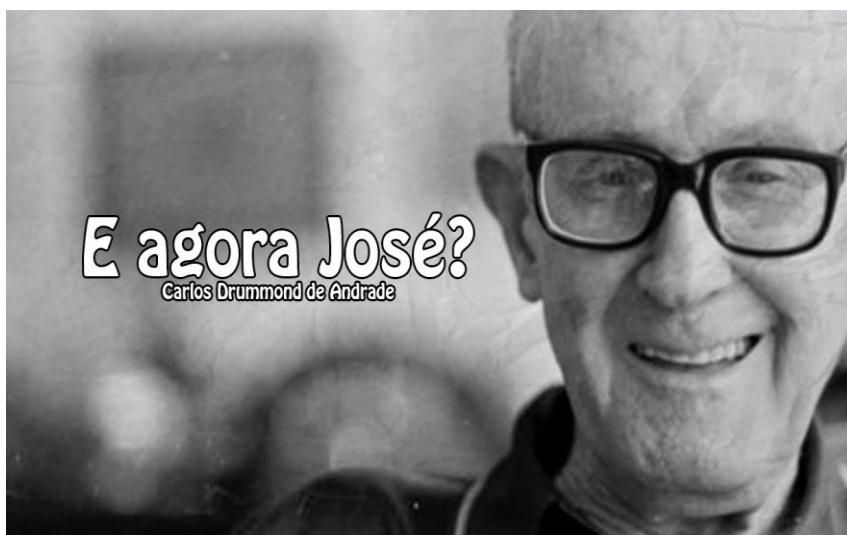


Ilustração 7 - Retrato de Carlos Drummond de Andrade. Fonte: <https://www.google.com>. 2021.

Sua obra abrange grande multiplicidade de temas e de situações do cotidiano, sempre apresentadas por meio do filtro da sua subjetividade. Os conteúdos de suas poesias envolviam os problemas individuais e sociais que sua época lhe apresentou, mas os mostrando por uma perspectiva pessoal e humana, o que as mantém sempre atual (CEREJA; MAGALHÃES, 2005). Observa-se estátua em sua homenagem:



Ilustração 8 - Estátua de Carlos Drummond de Andrade. Fonte: <https://www.google.com>. 2021

Sua estátua está localizada na Praia de Copacabana no Rio de Janeiro, foi instalada ali no ano de 2002, sendo feita em bronze com tal maestria que hoje é um verdadeiro chamariz de turistas e curiosos (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

Cecília Meireles - foi a primeira mulher a ter um papel de destaque na poesia brasileira. Seus poemas de grande sensibilidade, valorizavam a intuição e a emoção com formas de interpretar o mundo.

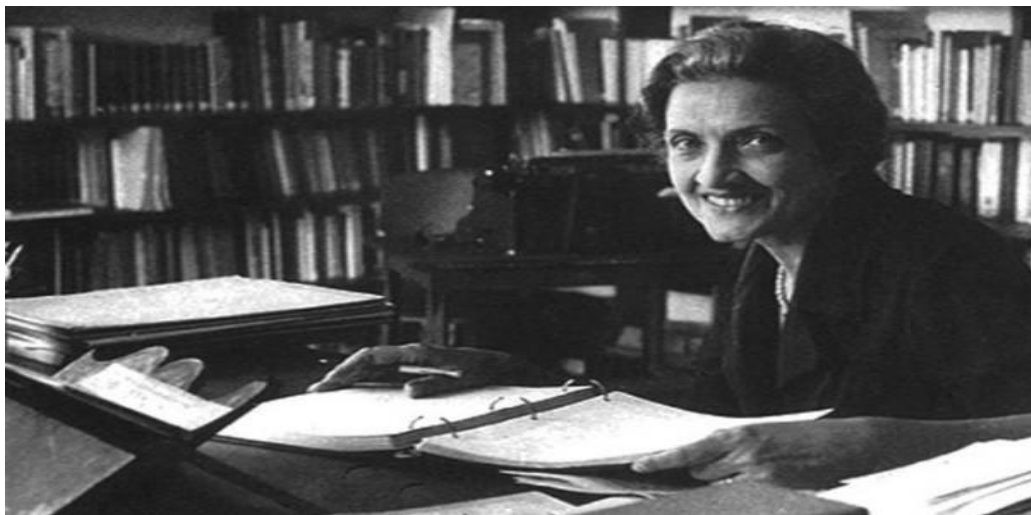


Ilustração 9 - Retrato de Cecília Meireles. Fonte: <https://www.google.com>. 2021.

Com o uso de formas poéticas simples, como a cantiga, Cecília Meireles desenvolveu temas como o amor, o tempo, as decisões, escolhas e caminhos a serem tomados, a fugacidade das coisas e a transitoriedade e a efemeridade da vida (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

Vinícius de Moraes: considerado o poeta das relações visto que traziam constantemente como temáticas as relações interpessoais de amor e amizade. Há uma escultura de Vinicius de Moraes em sua homenagem, localizada próxima a casa onde viveu em frente ao Farol de Itapuã – Salvador, sendo ali instalada em 2003 (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

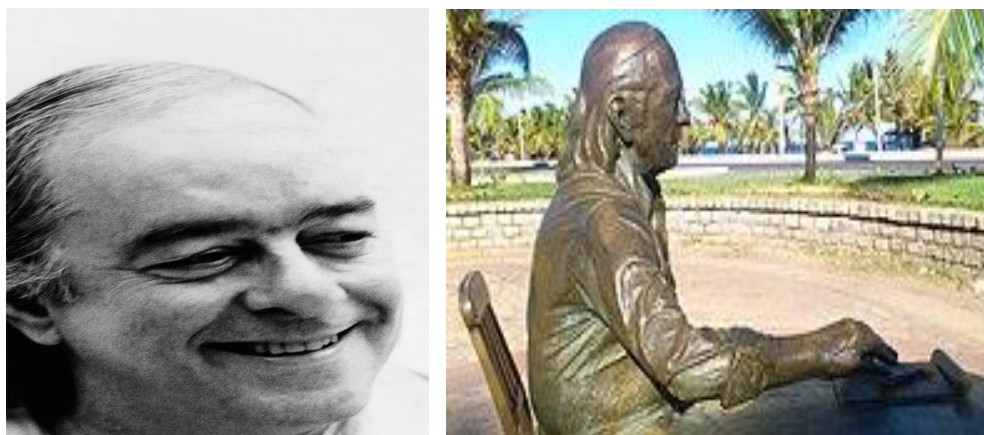


Ilustração 10 - Retrato e estátua de Vinícius de Moraes. Fonte: <https://www.google.com>. 2021.

Na sua produção em prosa, há uma forte preocupação em revelar e analisar os problemas humanos. Seus sonetos se caracterizavam pela emoção, pelo sentimentalismo, pela delicadeza e pela musicalidade, portanto, Vinícius de Moraes resgatou a relação entre música e poesia.

Ainda conforme Cereja e Magalhães (2005), os autores da segunda também foram denominados chamados **neorrealistas**, em razão do enfoque político e em problemas regionais como as condições do trabalhador rural, a seca e a miséria:

- **José Lins do Rego**, por exemplo, falou do ciclo da cana de açúcar.
- **Érico Veríssimo**, rastreou o panorama histórico e o ambiente do Rio Grande do Sul, apresentando acontecimentos de dimensões épicas para narrar os 200 anos do processo de formação deste Estado. Também focou a região canavieira da Paraíba. Enfim seus romances tiveram caráter regionalista.
- **Jorge Amado** escreveu, no início de sua carreira literária, obras de claro engajamento social e político, demonstrando grandes preocupações sociais, Autoridades e o clero são retratados como opressores cruéis.

- **Graciliano Ramos:** considerado o maior representante da geração neorrealista nordestina. Aborda drama social vivido pelo Nordeste, retrata a vida miserável de família de retirantes sertanejos.

Ficou passível de conclusão que, com a multiplicidade de tendências, a Segunda Geração do Modernismo brasileiro representou um período muito rico de produções na Literatura do país.

2.3.3 A terceira geração modernista brasileira

Na terceira geração modernista brasileira, pode ser datada a partir dos anos de 1940, quando o Brasil enfrentava profundas mudanças sociais e bem como no campo artístico. Seu este período final não é definido com exatidão, pois alguns teóricos estudiosos afirmam que a terceira fase do modernismo brasileiro se encerra nos anos 1960 e outros que se estende até os anos 1980.

Esta geração de modernistas ainda era comprometida com a inovação e com a liberdade artística, considerada pelos modernistas como mais importante que as fórmulas. A terceira geração era tão despreocupada com regras, que era desligada dos próprios modelos dos primeiros modernistas (COUTINHO; COUTINHO, 1997).

Observa-se que o elemento nacional e a representação da realidade ficavam em segundo plano, pois os escritores focavam mais a parte psicológica das personagens. Também, aparecem fenômenos contraditórios, pois, nesse sentido, Lafetá (2000) afirma que essa terceira geração modernista ou geração de 45, representou retrocesso em relação às conquistas de 1922 porque propôs uma volta ao passado, com a revalorização da rima, da métrica, do vocabulário erudito e das referências mitológicas.

No entanto, diferentemente a essa nova dinâmica de retrocesso na construção observada, nesta fase, é possível citar-se três grandes autores que se sobressaíram nos moldes realmente modernistas: João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, na prosa e João Cabral de Melo Neto na poesia (LAFETÁ, 2000).

Guimarães Rosa - considerado por muitos estudiosos como o maior escritor brasileiro do Século XX. Guimarães Rosa escreveu contos, novelas e romances. Muitas obras ambientadas pelo sertão brasileiro. Nota-se ênfase nos temas nacionais, marcadas pelo regionalismo. A linguagem utilizada é inovadora,

apresentando invenções linguísticas, arcaísmo, palavras populares e neologismos (COUTINHO; COUTINHO, 1997).



Ilustração 11 - Retrato de Guimarães Rosa. Fonte: <https://www.google.com>. 2021

Guimarães Rosa foi Patrono da cadeira nº 2 na Academia Brasileira de Letras, tomando posse três dias antes de morrer, no dia 16 de novembro de 1967. (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

Clarice Lispector – sendo ela detentora do título de uma das melhores escritoras brasileira ao escrever Contos, Crônicas e Literatura Infantil, conquistando assim diversos prêmios, antes de falecer em 1977, dentre eles: prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal e o Prêmio Graça Aranha (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).



Ilustração 12 - Retrato de Clarice Lispector. Fonte: <https://www.google.com>. 2021

Lispector trás em suas obras o poder de desenvolver a imaginação de quem as leem, fazendo com que os leitores se inspirem me entre de cabeça no mundo imaginário (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

João Cabral de Melo Neto - João Cabral de Melo Neto (1920-1999) é autor da terceira geração modernista, geração na qual a poesia deixou de ser tão intimista passando para um maior formalismo.



Ilustração 13 - Retrato de João Cabral de Melo Neto. Fonte: <https://www.google.com>. 2021.

Entre os poetas da sua geração, Cabral individualizou-se como um perfil único, pela invenção de uma espécie de artesanato lúcido. O poeta sempre estacou sua predileção pelo trabalho artístico, o raciocínio, a construção do poema, afirmando não acreditar em inspiração (FAQUERI; PEREIRA, 2016).

Ele é conhecido mundialmente pela sua obra "Morte e Vida Severina", na qual apresenta o percurso de morte e vida do retirante Severino obra analisada neste Trabalho de conclusão de curso, na sessão destinada aos resultados e discussões.

3 METODOLOGIA

O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”, ou seja, a pesquisa científica tem como característica principal fazer levantamentos da problemática abordando as possibilidades de solução ali encontrada (GIL, 2008, p. 26).

Neste trabalho de conclusão de curso (TCC), optou-se pela pesquisa de natureza básica qual envolve a verdade e o interesse universal, buscando gerar conhecimentos para a evolução da ciência, sem que haja necessariamente a aplicação de práticas (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Quanto ao objetivo, essa pesquisa é exploratória e descritiva, sendo exploratória onde se busca primeiramente como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que será investigado, delimitando um campo de trabalho possibilitando sua definição e seu delineamento, tendo como intuito facilitar e delimitar o tema do assunto abordado (PRODANOV; FREITAS, 2003). Objetivo descritivo segundo o autor supracitado ocorre quando o pesquisador registra e descreve os fatos observados sem que os manipule, visando transcrever as características encontradas na pesquisa. Ou seja, há uma descrição exata do assunto abordado.

Utilizou-se como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica, qual segundo Severino (2013), se desenvolve através de buscas de registros disponíveis dentre eles, livros, revistas, jornais, artigos entre outros.

Para esta pesquisa buscou-se elaborar um levantamento de literatura trazendo autores e artigos que abordam o tema analiticamente, sendo eles: Aguiar (2015), trazendo em sua pesquisa os aspectos sociais de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, e suas rupturas. Tem-se também como matéria de pesquisa, Costa (2020), trazendo a Literatura e análise social: morte e vida Severina como referência de interpretação sociológica.

Consta também nesta pesquisa o artigo de Dallazen (2019), trazendo como tema “Morte e vida Severina – um (des) encontro com a vida, onde ela aborda as dificuldades vividas pelo povo nordestino”. Já Fiddan (2010), traz em seu artigo “A identidade do nordeste do Brasil nas obras morte e vida Severina de João Cabral de Melo Neto e auto da compadecida de Ariano Suassuna”, onde é feito um comparativo entre as obras citadas.

Morelli e Silva 2016, trazem algumas reflexões teológicas em seu artigo tendo como tema “A presença da Morte e da Vida em ‘Morte e vida Severina’: algumas considerações teológicas”. Já Pereira e Faqueri (2016), fazem uma análise sobre as adaptações existentes da obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto, tendo o artigo como tema “Adaptações de Morte e Vida Severina: A Intermedialidade na obra de João Cabral de Melo Neto.”.

Para a análise dos dados coletados a abordagem é qualitativa, sendo ela descrita por Prodanov e Freitas (2013, p.70) como: uma análise que não necessita do uso de métodos e técnicas estatísticas, sendo assim de grande valia o ambiente real e a fonte direta para a coleta de dados. Ou seja, traz o processo e seu significado como foco principal de abordagem.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 UM POUCO SOBRE O POETA ENGENHEIRO

Nascido em Recife capital de Pernambuco, João Cabral de Melo Neto nasceu em 6 de janeiro de 1920, filho de Luís Antônio Cabral de Melo e de Carmen Carneiro Leão Cabral de Melo, passou parte da infância nos engenhos de açúcar da família nas cidades pernambucanas de São Lourenço da Mata e Moreno (CEREJA; MAGALÃES, 2005).

João Cabral de Melo Neto foi casado com Stella Maria Barbosa de Oliveira, com quem teve cinco filhos (João de Melo; Isabel de Melo; Inez de Melo, Rodrigo de Melo e Luiz de Melo). Casando-se pela segunda vez em 1986 com a poetisa Marly de Oliveira. O escritor morreu em 9 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro, aos 79 anos, vítima de ataque cardíaco (CEREJA; MAGALÃES, 2005).

Mudando-se em 1942 para o Rio de Janeiro com a família, publicou seu primeiro livro, “*Pedra do Sono*”, uma coletânea de poemas onde predominavam aspectos surrealistas e anti-retóricos. Ficou conhecido também como poeta-engenheiro (CEREJA; MAGALÃES, 2005).

Em 1943 e 1944 através de concurso, atuou no serviço público como funcionário do Dasp (Departamento de Administração do Serviço Público do Rio de Janeiro). Em 1945, inscreve-se para o seu segundo concurso do Ministério das Relações Exteriores e passa a integrar em 1947 o quadro de diplomatas e cônsul brasileiro, passando a viver em várias cidades ao redor do mundo, como: Barcelona, Londres, Sevilha, Marselha, Genebra, Berna, Assunção, Dacar e outras (CEREJA; MAGALÃES, 2005).

Mesmo com sua vasta agenda diplomática, em 15 de agosto de 1968 recebeu o Título de “Imortal da Academia Brasileira de Letras” (ABL), ocupando a cadeira 37, assumindo o posto em 1969. Observa-se trecho de seu discurso de posse em 6 maio de 1969:

Assim, para compensar o laconismo de um “muito obrigado” e expressar meu reconhecimento de outra maneira, quero dizer que me sinto muito honrado em vir a ser um de vós. E não apenas pelo que cada um de vós representa em nossa vida intelectual como porque a Academia, que vós todos, em conjunto, constituís, é uma de nossas instituições em que se tem mantido mais vivo o respeito pela liberdade do

espírito. Daí (e não sei de maior elogio que se possa fazer a um corpo de escritores, homens para quem a liberdade de espírito é condição de existência) meu empenho em declarar que, entrando para a Academia, não tenho o sentido de estar abdicando de nenhuma das coisas que me são importantes como escritor. Na verdade, venho ser companheiro de escritores que representaram, ou representam, o que a pesquisa formal, no nível da textura e da estrutura do estilo, tem de mais experimental; escritores outros cuja obra é uma permanente, e renovada, denúncia de condições sociais que espíritos acomodados achariam mais conveniente não dar a ver; escritores que, em momentos os mais diversos de nossa história política, têm combatido situações políticas também as mais diversas; escritores que, já acadêmicos, têm julgado livremente a Academia, patronos de suas Cadeiras e membros de suas Cadeiras. E tudo isso sem que a Academia tenha procurado exercer nenhuma censura e sem que a posição de acadêmicos tenha levado esses escritores a qualquer autocensura. (MELO NETO, 1969 apud LAFETÁ, 2000).

Em 1984, assume o posto de cônsul-geral da cidade do Porto, onde permaneceu no cargo até 1987, quando decide voltar a viver com a família no Rio de Janeiro, sendo aposentado da carreira diplomática em 1990 e naquele mesmo ano foi agraciado em ser o primeiro Brasileiro a receber o Premio de Camões, considerado o mais importante prêmio Literário destinado a autores da Língua Portuguesa (CEREJA; MAGALÃES, 2005).

Os autores supracitados informam que em 1992 começou a sofrer de uma cegueira progressiva, que aos pouco o impedia de ler, e por consequência disto, acabou ficando depressivo. Em 2014 concretou-se, no centro de Recife (PE), na Rua Aurora, uma estátua em sua homenagem.



Ilustração 14 - Estátua em homenagem a Melo Neto. Fonte: <https://www.google.com>. 2021.

João Cabral de Melo Neto é conhecido como poeta engenheiro, no primeiro momento imagina-se que tal denominação se dá pelo fato dele ser Engenheiro de formação, mas nas entrelinhas de carreira literária, compreende-se ser Melo Neto um engenheiro dos versos, visto que, interessado nos temas sociais e com grande envolvimento na política, o poeta encaixava palavras com a sintaxe seca e os versos curtos. Nas suas obras, de modo geral, de João Cabral de Melo Neto, segundo percebe-se um processo racional e preciso de construção de sua poética (LAFETÁ, 2000).

Segundo palavras do próprio João Cabral de Melo Neto “*escrever é estar no extremo de si mesmo*”. Sua bibliografia apresenta: Considerações sobre o poeta dormindo, 1941; Pedra do sono, 1942; O engenheiro, 1945; O cão sem plumas, 1950; O rio, 1954; Quaderna, 1960; Poemas escolhidos, 1963; A educação pela pedra, 1966; Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta, 1966; Museu de tudo, 1975; A escola das Facas, 1980; Agreste, 1985; Auto do frade, 1986; Crime na Calle Relator, 1987; Sevilla Andando, 1989 (CEREJA; MAGALHÃES 2005).

Seus livros foram traduzidos para diversas línguas (alemão, espanhol, inglês, italiano, francês e holandês) e sua obra é conhecida em diversos países. *Morte e Vida Severina*”, objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso, foi, sem dúvida, a obra que o consagrou.

4.2 APRESENTAÇÃO DA OBRA

“Morte e Vida Severina”, um auto de natal pernambucano, de autoria de João Cabral de Melo Neto foi escrita entre 1954 e 1955, sendo publicado em 1956. O gênero é poema dramático, sendo composto por 18 partes e 1.215 versos.

Explica Aguiar (2015) que o subtítulo da obra denominado de chamado de auto”, porque possui características dos teatros dos séculos V e XVI, com fundo religioso e moral, que teve origem nas encenações do nascimento de Jesus Cristo.

Corroboram Cereja e Magalhães (2005) esclarecendo que “auto”, dentro da Literatura, refere-se às representações dramáticas baseadas em fatos religiosos, como no caso do poema Morte e Vida Severina que apresentada no final do poema o nascimento de um menino que traz esperança ao próprio Severino (o protagonista), remetendo assim ao nascimento de Jesus Cristo, dando a entender o recomeço de vida.

Trata-se de uma obra crua e poética sobre as agruras da vida de migrantes no sertão pernambucano, o que alude aos seguintes versos da canção Sertão das Almas, de autoria de Tulio Borges (2015): *Mas cedo ou tarde esse povo/ Suportador dessa **agrura**/ Mesmo na falta de ovo/ Na escassez da rapadura/ Cedo ou tarde acusa o estorvo/ E vota bem pra ter de novo/Felicidade e fartura.*

Costa (2020, p. 5) afirma que: “[...] A principal característica desta obra é o caráter de denúncia que o autor faz as condições de vida do nordestino, mostrando a grande relevância do poema quando a temática gira em torno da pobreza, seca e morte que assolavam o Nordeste, sobretudo o sertão pernambucano [...]”. Nessa direção, observa-se a materialidade da obra, ou seja, o detalhe nas entrelinhas interpretativa da capa e contracapa.

A capa informa o nome do autor e o título da obra. Observa-se que as cores remetem à seca e ao causticante sol nordestino, em tons de folhas ressequidas. Há a sombra de homem o que remete a pensar na invisibilidade do povo nordestino esquecido pelo Poder Governamental de todas as épocas.

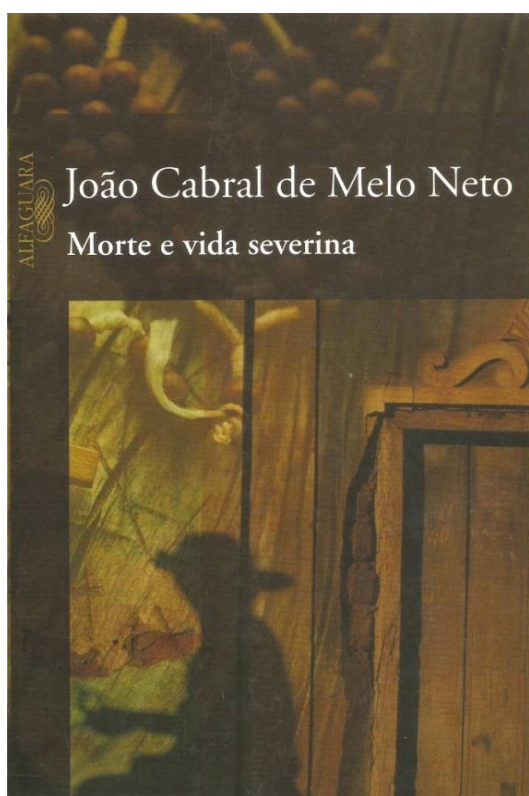


Ilustração 15 - Reprodução da capa e contra capa do livro. Fonte: <https://www.google.com>. 2021

A contra-capa é preta, repetindo o título e subtítulo da obra bem como os anos de produção em letras brancas. Estas duplas de cores podem remeter ao fim da

existência quando a vida oferece um feedback, passando a limpo, preto no branco, no caso, branco no preto. A cor preta representa luto, o que aponta para a morte destacada durante a obra toda.

O jogo entre o substantivo Severino e o adjetivo Severina está presente na totalidade da peça, criando um efeito de generalizar o que deveria ser particularizado. Dessa maneira, usando a primeira pessoa do plural, ao contrário do ser compreendido como um sujeito único, o protagonista torna-se coletivo: ele partilha não só o nome, mas também a indignação e a desventura (DALLAZEN, 2019).

A ambientação da obra, ou seja, a localização geográfica onde a trama se passa, bem como, a descrição da maioria do povo nordestino, as características físicas e vivência cotidiana podem ser percebidas nestes versos:

[...] Somos muitos Severinos/ iguais em tudo na vida:/ na mesma cabeça grande/ que a custo é que se equilibra,/ no mesmo ventre crescido/ sobre as mesmas pernas finas,/ e iguais também porque o sangue/ que usamos tem pouca tinta. [...] (MELO NETO, 2010, p. 74). [...]— Onde a Caatinga é mais seca,/irmão das almas,/onde uma terra que não dá /nem planta brava.(p 76). [...] — Antes de sair de casa/ aprendi a ladainha/ das vilas que vou passar/na minha longa descida./ (p. 78).Sei que há muitas vilas grandes,/cidades que elas são ditas;/sei que há simples arruados,/sei que há vilas pequeninas [...] (p. 78).

O trecho citado a cima demonstra tamanha expansão territorial que há naquela região, entre elas, lugarejos grandes e pequenos. Nestes versos podem ser visualizados a terra árida, na qual se tem dificuldades para plantar, o que traz a escassez de alimentos, como também, demonstração do preconceito de senso comum quanto ao o povo do sertão nordestino tachado de cabeça grande e pernas finas. Outro ponto interessante que demonstra a falta de visibilidade deste povo é quando se nota nos grandes centros a visão que todo o nordestino é do Estado da Paraíba, como é chamado “- Oh Paraíba”.

A narrativa literária é relevante diante da interpretação da realidade social. Nessa direção Costa (2020) aborda a relação entre a Literatura e as Ciências Sociais, afirmando que o texto literário contribui para construção do pensamento científico em relação à análise social. Citando com exemplo e referência o poema Morte e vida Severina. Palavras como melancolia, amor, cada pessoa entende de uma maneira. Se você usar palavras como maçã, pedra ou cadeira, elas

evocam imediatamente ao leitor uma reação sensorial (MELO NETO *apud* LUCAS, 2003, p.95).

A constante repetição de versos, curtos e sonoros, além de servir como reforço semântico para o tema, promove a homofonia e a repetição de sons, que dão uma maior musicalidade aos versos. O espaço e o tema estão interligados nesse poema (DALLAZEN, 2019).

A produção de melo Neto em como característica marcante o regionalismo, a zona fronteira e o folclore nordestino. Têm como fomentação para objetos de estudo as questões geográficas, políticas, sociais, religiosas e folclóricas que a metáfora “Morte e Vida Severina” representa (HARDMAN, 2000).

Dallazen (2019) afirma que no decurso da obra o pertencimento esteja focado na “Vida Severina”, (vida Severina remete a uma vida sofrida, marcado pelo sofrimento e pela pobreza), sua identidade se transforma pelas desesperanças, encontros, desencontros, dissabores, desafios e descobertas.

De acordo com Sampaio (1991, p. 23) que a obra tem como contexto de produção a realidade da caatinga, com os engenhos e usinas, com os homens miseráveis e sujos de lama e graxa dos mangues e das fábricas, não fugindo de nada que diz respeito ao ser humano. Trata-se da temática do migrante nordestino que foge da seca para sobreviver

Por sua originalidade em abordar a vida sofrida dos emigrantes a obra “Morte e vida Severina”, obteve vários prêmios brasileiros e Internacionais, tais como: **1954**, Prêmio José de Anchieta, **1955**, Prêmio Olavo Bilac, **1958**, Melhor autor (Festival de Teatro do Estudante, Recife) **1966**, Prêmio Jabuti, **1966**, Prêmio do Instituto Nacional do Livro, **1974**, Grande Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, **1984**, Prêmio Golfinho de Ouro do Estado do Rio de Janeiro, **1984**, Prêmio Moinho Recife **1987**, Prêmio da União Brasileira de Escritores, **1988**, Prêmio da Bienal Nestlé de Literatura, **1988**, Prêmio Lily de Carvalho, **1990**, Prêmio Criadores de Cultura (prefeitura de Recife), **1990**, Prêmio Camões, **1990**, Grã-Cruz da Ordem do Mérito Judiciário e do Trabalho, **1991**, Prêmio Pedro Nava, **1992**, Prêmio Casa das Américas, **1992**, Neustadt International Prize for Literature (Prêmio Internacional Neustadt de Literatura, **1992**, Grã-Cruz da Ordem de Isabel e **1993**, Prêmio Jabuti (AGUIAR, 2015).

Compreende-se que tendo conquistado tantos prêmios à obra se tornou de grande importância social não somente no Brasil, ao abordar a vida real daqueles

que vivem no sertão brasileiro, trazendo consigo uma narrativa da vida sofrida daqueles que vivem na caatinga.

4.3 POSSÍVEIS ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS OBSERVADOS

Aguiar (2015) elaborou estudo intitulado “Os aspectos sociais de morte e vida Severina, de João Cabral de Melo Neto e suas rupturas”, tendo objetivo destacar discussões e reflexões sociais presentes na obra. A reflexão desta autora se dá a partir de rupturas com os elementos dramáticos tradicionais, deixando, então, de ser uma obra meramente de entretenimento, segundo afirma, como era costumeiro no drama burguês, passando a questionar a sociedade.

Morte e Vida Severina foi escrita em meados do século XX, momento em que as artes, de modo geral, passavam por mudanças estruturais e de conteúdo apontando para produções mais engajadas, que denuncia mazelas, figurando como uma obra de interesse universal, pois os apontamentos reflexivos se estendem pelas sociedades de do mundo inteiro.

Costa (2020) afirma que o território nacional brasileiro é imenso e rico em diferentes realidades sociopolíticas que juntas são capazes de expressar a identidade, apontando também para a tamanha diferença social e econômica vivenciada no Brasil. Observa-se os versos:

— *Nunca esperei muita coisa, / digo a Vossas Senhorias. / O que me fez retirar / não foi a grande cobiça; / o que apenas busquei / foi defender minha vida / da tal velhice que chega / antes de se inteirar trinta; / se na serra vivi vinte, / se alcancei lá tal medida, / o que pensei, retirando, / foi estendê-la um pouco ainda (MELO NETO, 2010, p. 88).*

Para contextualizar observa-se os versos da a musica “Sertão das Almas”, de autoria de Borges, remetendo ao mencionado sofrimento vivido pelo povo sertanejo: *“Saudade tem de carrada/ Lembrança tem de montão/ Tristeza tem de manada/ Nos pastos da solidão/ A morte aqui é plantada/ Tem muita alma penada/Habitando este sertão/ [...]”*.

A diferença socioeconômica é grande, pois se mata por riqueza, por bens materiais, em uma busca por sempre querer mais e mais, aonde se esquece de que daqui não se leva nada além do próprio sofrimento. Fiddan (2010, p. 21) afirma que

“as marcas da sub-humanização constituem o lado sofrido de uma gente. Contextualizando:

Tem vezes que a fome é tanta/O mais valente não aguenta/ Toda essa falta de janta/ Sob um calor de quarenta/Seca a goela e a garganta/ Dá uma fraqueza tão santa/ Uma lerdice jumenta [...](Túlio Borges: Sertão das Almas, 2015).

Severino comenta com uma mulher debruçada em uma janelinha sobre o motivo de sua viagem (em busca de trabalho), sobre a descrição do cotidiano de onde estava vindo (falta de capacitação e de possibilidades de trabalho para o desenvolvimento da região) e sobre a fome em si, o que demonstra a mulher não ser muito diferente da localidade onde ela mora.

— Muito bom dia, senhora,/que nessa janela está;/sabe dizer se é possível/algum trabalho encontrar?/— Trabalho aqui nunca falta/a quem sabe trabalhar; [...]/[...]— Com a vinda das usinas/há poucos engenhos já;/nada mais o retirante/aprendeu a fazer lá?/— Ali ninguém aprendeu/outro ofício, ou aprenderá:/mas o sol, de sol a sol,/bem se aprende a suportar./— Mas isso então será tudo/em que sabe trabalhar?/vamos, diga, retirante,/outras coisas saberá./— Deseja mesmo saber o que eu fazia por lá?/comer quando havia o quê/e, havendo ou não, trabalhar./— Essa vida por aqui/é coisa familiar;/.

Fiddan (2010), mostra exatamente como é a vida do nordestino ao afirmar que o Nordeste brasileiro e, certamente todo e qualquer indivíduo nascido nessa região, foram e são distinguidos do restante da população brasileira devido às características impostas a aquele povo por meio de preconceitos e estereótipos que compõem uma memória discursiva intimamente interligada à identidade cultural nordestina.

A obra trás aspectos marcantes da vida de muitos retirantes, que migram para os grandes centros em busca de uma vida mais digna, uma busca que trás esperança para aqueles que enfrentam a pobreza com a falta de oportunidade, e até mesmo a morte diariamente, que como “Severino” viviam e vivem até os dias atuais levando uma vida sofrida, com a morte vivenciada todos os dias. Pode-se notar a presença da morte constante para quem vive nesse contexto social, que desde ao nascer, encontram a morte precoce, a miséria, a fome, a seca e a guerra por terras, e assim sai como retirantes rumo a grandes cidades, acreditando que irá se livrar de toda fome e miséria, e encontrara uma vida mais digna de ser vivida.

4.4 ADAPTAÇÃO FILMICA DA OBRA MORTE E VIDA SEVEREINA

A obra “Morte e Vida Severina”, tornou-se peça de teatro em 1957, autorizada pelo autor ao vanguardista grupo teatral Norte, Teatro Escola do Pará, tendo sua primeira apresentação na capital Belém (NOVROTH, 2018). Desde então, se tornou constantes as encenações da obra no Teatro, tamanho sucesso que levou a conquista da premiação em um festival universitário na França, sendo a peça encenada em 25 de abril de 1966. Em 1968, Roberto Freire, então diretor de teatro Tuca da PUC de São Paulo, solicitou para que o então jovem Chico Buarque musicalizasse a obra (NOVROTH, 2018).

A literatura serve de motivo à criação de outras linguagens e, no imbricamento de uma mídia a outra, deve-se ter em vista os objetivos e os valores do adaptador, sejam eles sociais, políticos, educacionais, econômicos. Ademais, deve-se considerar o público a que a obra se destina (CURADO, 2007).

Os variados recursos tecnológicos tornam a peça cabralina convidativa para os jovens, propiciada pela era cibernética. A animação remete ao universo dos jogos de videogame (NOVROTH, 2018). Portanto, a obra em questão também foi adaptada para o Desenho Animado pelo cartunista Miguel Falcão em 2005 e em 2010, com recursos de animação e efeitos 3D (PEREIRA; FAQUERI, 2016).

Ressalta-se que visualidade está relacionada à “natureza da imagem, enquanto elemento portador de qualidades plásticas” características que estão presentes tanto no texto verbal quanto naquele que se componha da linguagem visual, como a animação e a graphic novel (ALVAREZ, 2011, p. 415).

Em 1981, a rede Globo de Televisão transformou a obra em teleteatro, um filme, dirigida por Walter Avancini. Trata-se então de uma adaptação. Uma adaptação pode ser definida como a transformação ou transposição de um produto artístico para outro, visando tanto o público que já conhece a obra original quanto para aquele que não conhece a obra, visto que, toda adaptação pertence a um contexto socioeconômico, cultural e artístico e pode alcançar efeitos variados, dependendo do momento de sua criação e do público a que se destina (PEREIRA; FAQUERI, 2016).

Os autores supracitados esclarecem que uma adaptação busca equivalências em diferentes sistemas de signos para uma determinada narrativa, pois a forma que o conteúdo original será transmitido em uma nova forma, apontando para o fato de

um relato lido ou narrado não necessitará de adequações para ser encenado no teatro ou cinema. Hutcheon (1987) *apud* Faqueri e Pereira (2016) afirma que é possível considerar a adaptação sob três perspectivas:

- **Transposição anunciada e explícita** - o produto adaptado informa se é adaptado de ou baseado em. A transposição de uma mídia para outra valoriza as diferentes formas de expressão, que, no âmbito do ensino, podem suscitar o interesse dos alunos pela literatura (CANDIDO, 2006, p. 84).
- **Processo de apropriação** - com a mudança de mídia, pode ser bem diferente do texto original; é um:
- **Reinterpretação** - processo de criação, que envolve uma, uma apropriação da obra anterior, buscando novo público ao qual será transmitida uma obra que ele dificilmente procuraria ou leria na versão original. O adaptador é inicialmente um leitor e depois um criador;
- **Processo de recepção** - em que o público pode experimentar uma obra já conhecida, agora em outro formato.

Uma obra literária, como um poema, resulta da criação individual do poeta. A sua versão em teatro ou em vídeo exige uma adaptação, um diretor de cena, intérpretes e uma equipe de profissionais, compreende outro novo processo de criação e de recepção (PEREIRA; FAQUERI, 2016).

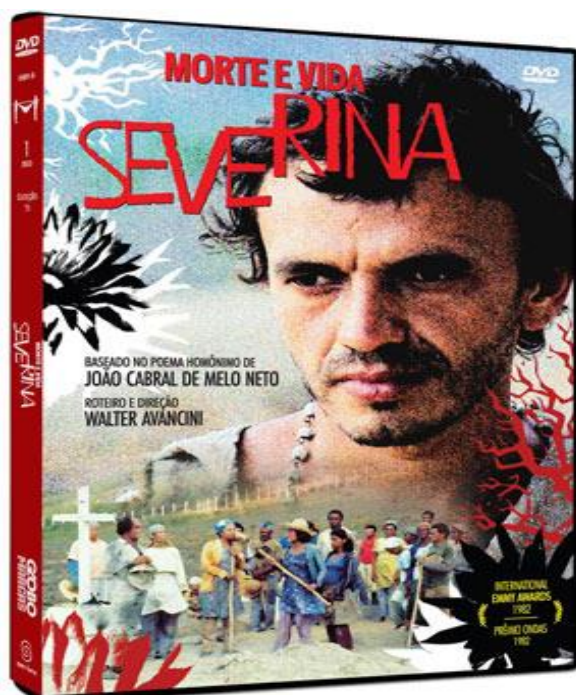


Ilustração 16 - Capa do DVD Morte e vida Severina. Fonte: <https://www.google.com>. 2021

Fazem parte do elenco do filme: Sebastião Vasconcelos “Mestre Carpina”, Elba Ramalho “Mulher na Janela”, Cecilda Lanuza “Ivaneide”, Tânia Alves “Comadre Perestina”, além de atores pernambucanos, sendo eles: Aidil, Ivonete Melo, José Ribeiro, Maria Oliveira e Marcos Macena e, no papel do protagonista Severino, o ator José Dumont.

Sobre a escrita de João Cabral, sua adaptação manteve sempre sua essência poética, palavra por palavra, articulando forma e conteúdo. Nas palavras de João Cabral de Melo Neto:

Creio que uma das bases da minha poesia sempre foi [...] essa coisa visual. Sempre achei que a linguagem, quanto mais concreta, mais poética. Palavras como melancolia, amor, cada pessoa entende de uma maneira. Se você usar palavras como maçã, pedra ou cadeira, elas evocam imediatamente ao leitor uma reação sensorial (MELO NETO apud LUCAS, 2003, p.95).

A linguagem cinematográfica ou audiovisual em seu desenvolvimento preocupa-se com a relação entre o espaço e a criação da estrutura narrativa própria do gênero. Além disso, ela se preocupa com o ângulo e o foco que serão selecionados para se dar destaque a determinada ação na obra.

A construção de uma obra audiovisual recorta o espaço, foca ângulos específicos, seleciona-se, organiza-se e monta-se a partir da articulação entre sua forma e seu conteúdo. O processo de criação em um suporte fortemente audiovisual é tão elaborado e pensado quanto à criação do texto poético para João Cabral.

A superprodução cinematográfica da Morte e vida Severina desta composição poética em formato televisivo inaugurou o gênero audiovisual baseado em obras literárias que ganharia, anos mais tarde, tradição nas televisões brasileiras.

4.5 MORTE E VIDA: REFLEXÕES EXISTENCIAIS E A FINITUDE HUMANA

Retomando-se, escrito no período modernista, analisa, sob uma perspectiva religiosa e social, a busca do nordestino pela vida, mas que, ironicamente, o leva ao encontro com várias mortes. A obra aborda a viagem de um retirante do interior do Pernambuco até o Recife e ao longo da jornada, onde ele se depara constantemente com a morte: Morte por fome, por emboscada ou por velhice (aos trinta anos) (DALLAZEN, 2019).

Outro ponto interessante a comentar neste estudo é que o poema foge daquilo que seria padrão, ao abordar primeiramente a morte e só no final abordar a vida, o que explica o título Morte e Vida (MORELLI; SILVA, 2015).

Pensar em morte e vida suscita questões que apontam para Existencialismo filosófico que reflete sobre temas como a liberdade, as incertezas, a angústia, a finitude, a morte, a solidão, o sentido da vida, a transcendência. Trata-se de uma corrente de pensamento relevante que possibilitou desdobramentos em muitas áreas do conhecimento, como na Literatura (PENHA, 2014).

— O meu nome é Severino / não tenho outro de pia./Como há muitos Severinos, que é santo de romaria,/ deram então de me chamar/Severino de Maria;/ como há muitos Severinos / com mães chamadas Maria,/fiquei sendo o da Maria/do finado Zacarias./ Mas isso ainda diz pouco:/ há muitos na freguesia,/ por causa de um coronel/ que se chamou Zacarias/ e que foi o mais antigo/ senhor desta sesmaria./ Como então dizer quem fala/ ora a Vossas Senhorias?/

O filme tem início com a apresentação de Severino, o narrador, como menciona “um dos muitos”, pois sua individualidade é anulada, sendo, seu nome Severino uma alegoria, uma representação simbólica do sujeito nordestino.



Ilustração 17 - Ator José Dumont, se apresentando como Severino. Fonte: <https://www.google.com>. 2021.

Dallazen (2019) afirma que esta narrativa poética é muito bem engendrada, contando a trajetória de um retirante, cujo nome é Severino, e vai apresentando diferentes pertencimentos, ora como sujeito individual, ora como sujeito coletivo.

Severino, tentando diferenciar-se de tantos outros retirantes iguais a ele nas condições sociais e características pessoais, buscando adjetivos que o diferenciem dos outros Severinos, filhos de outras Marias de outros tantos Zacarias que também emigravam do sertão nordestino para o litoral.

*O Severino/ da Maria do Zacarias,/ lá da serra da Costela,/ limites da Paraíba.
[...]/ [...] Mas, para que me conheçam/ melhor Vossas Senhorias/ e melhor possam
seguir/ a história de minha vida,/ passo a ser o Severino/ que em vossa presença
emigra.*

Na sequência de fala, Severino se dirige ao público telespectador, usando um pronome de tratamento formal, como recurso para enfatizar a distância social entre enunciador e enunciatário, marcando o grau hierárquico: *“Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias”*. Desse modo, ao se apresentar, expõe a sua sujeição, o seu exílio imposto para “além dos limites da sociedade”, assumindo a “identidade da subclasse” a qual, é constituída por indivíduos que “tiveram negado o acesso à escolha da identidade, se veem oprimidos” (DALLAZEN, 2019).

Um dos aspectos a se analisar é a questão do pertencimento, pois o protagonista apresenta crise de identidade, visto que, ora Severino é ele mesmo, ora ele é Severino povo retirante, não mais pertencendo a si. Ao buscar uma identidade própria Severino expressa a dificuldade que se tem em conseguir se identificar em meio a tantos outros “Severinos” existentes, naquela região na mesma vida sofrida. (DALLAZEN, 2019).

A apresentação do retirante Severino e toda sua fala inicial são peças fundamentais para compreensão deste poema de João Cabral, pois representa um cenário de vida desolador que mistura várias vozes de inúmeras pessoas na mesma condição.

A personagem antecipa as dificuldades quando tenta se diferenciar dos outros Severinos, filhos de outras Marias que, além de possuírem o mesmo nome e compleição física, estão predestinados à mesma vida e morte severinas: *“Somos muitos Severinos/ iguais em tudo na vida”*.

A personagem principal, Severino, apresenta-se em primeira pessoa do singular, pelo nome de batismo “Meu nome é Severino”. Explica que é um nome bastante comum no agreste e que mãe lhe deu esse nome por ser de santo, o que revela a devoção do povo nordestino pela fé cristã como uma maneira de resignação.

Costa (2010), afirma que além dos aspectos sociais encontrado no poema, nota-se claramente a questão cultural e religiosa, cultural se tratando dos ritos de morte e, religiosa quando se trata dos cânticos cantados ao velar um defunto. Assim será toda a emigração de Severino para o Recife, permeada de “Severinos” mortos, mas o Severino protagonista ainda se mantém esperançoso em acreditar que no litoral se pode mudar esse destino (AGUIAR, 2015, p.8).

— *Finado Severino,/quando passares em Jordão/e os demônios te atalharem/perguntando o que é que levas.../— Dize que levas cera,/capuz e cordão/.*

Em sua jornada, Severino encontra a morte em vida pela primeira vez durante a sua descida, se deparando com os “irmãos das almas”, lavradores que carregavam em uma rede rumo ao cemitério, outro “Severino Lavrador” que havia sido assassinado por latifundiários por ter um pedaço de terra observa-se o diálogo:

— *A quem estais carregando,/irmãos das almas,/embrulhado nessa rede?/dizei que eu saiba./*

— *A um defunto de nada,/irmão das almas,/que há muitas horas viaja/à sua morada./*

— *E sabeis quem era ele,/irmãos das almas,/sabeis como ele se chama/ou se chamava?/*

— *Severino Lavrador,/irmão das almas,/Severino Lavrador,/mas já não lava. [...]*

— *E foi morrida essa morte,/irmãos das almas,/essa foi morte morrida/ou foi matada?/— Até que não foi morrida,/irmão das almas,/esta foi morte matada,/numa emboscada. [...]* (MELO NETO, 2010, p. 76).

João Cabral de Melo Neto busca em sua obra “Morte e Vida Severina” (auto de Natal pernambucano), abordar e expor a todos o quanto o nordeste brasileiro, tendo como povo, um povo inteligente, batalhador, porem que sofre com o esquecimento político e social, povo esse que vive da caatinga, arando entre as pedras dia-a-dia, sol a sol. O próximo trecho da musica de Tulio Borges mostra isso claramente.

*Quem vive neste sertão/Quando morrer vai pro céu/ Aqui não tem um cristão/
Vivendo de vinho e mel/ Come é da falta do pão/ Bebe é da sede do cão/ Morre quem
ganha um troféu/ [...] (Túlio Borges: Sertão das Almas, 2015).*

A morte pode ser considerada como o tema marcante, pois até o rio morre. Observa-se os versos de Cabral: *[...] Vejo que o Capibaribe, /como os rios lá de cima, /é tão pobre que nem sempre/pode cumprir sua sina/e no verão também corta,/com pernas que não caminham.[...].*

A consciência sobre a própria finitude sempre gerou no homem angústias e reflexões. Este tema permanece sorrateiro no dia a dia, contudo, refletindo atitudes e pensamentos. Ele permeia nossa existência desde o momento em que nos deparamos com a realidade daquilo que é inevitável (SIMAN, RAUCH, 2017).

O percurso do rio se compara ao percurso da vida no sertão, tão frágil muitas vezes se interrompe precocemente. Ao se deparar também com o fim do rio Capibaribe, seu guia, Severino fica em dúvida se deve ou não seguir sua sina.

Durante a viagem, ao tentar conseguir trabalho em uma pequena vila, a morte aparece, mas como única fonte de renda para quem quer viver lá. Quando de longe ouve uma ladainha que pensa ser uma festa de santo ou um dia de Maria, no entanto ao se aproximar nota que é mais um velório, onde todos cantam “excelências” para um morto. “Excelências” são cantigas rezadas que nomeiam o tipo de vida e de morte que teve o defunto, exaltando também suas qualidades (DALLAZEN, 2019).

[...] mais a Virgem da Conceição./— Finado Severino,/etc...? — Dize que levas somente/coisas de não:/ fome, sede, privação./— Finado Severino,/etc. — Dize que coisas de não,/ocas, leves:/como o caixão, que ainda debes./— Uma excelência/ dizendo que a hora é hora./— Ajunta os carregadores,/ que o corpo quer ir embora./— Duas excelências.../—...dizendo é a hora da plantação./— Ajunta os carregadores.../— ... que a terra vai colher a mão. / (MELO NETO, 2010, p. 79.).

O diálogo dos coveiros mostra que, mesmo todos aqueles que traçam sua jornada em busca de melhorias de vida nas grandes capitais, a grande maioria desse povo sofrido acabam encontrando apenas fome, miséria e a morte em sua chegada Dallazem, (2019, p. 6.), aponta que um aspecto bastante interessante da jornada de Severino é “a tentativa cabralina de, dentro das diferenças, mostrar a mesmice.” Essa afirmação nos remete a pensar falta de mudança quando se migra, no caso de Severino a única coisa que é certa é a morte.

— *Nunca esperei muita coisa,/é preciso que eu repita./ Sabia que no rosário/ de cidades e de vilas,/e mesmo aqui no Recife/ ao acabar minha descida,/ não seria diferente/a vida de cada dia:/que sempre pás e enxadas/foices de corte e capina,/ferros de cova, estrovengas/o meu braço esperariam. [...]* (MELO NETO, 2010, p. 94).

Como tantos outros “Severinos Retirantes”, desolados pela vida sofrida, a esperança é algo difícil de acreditar, pois tudo se torna nebuloso como a morte, sem expectativa de vida, e assim chegam a pensar em tirar a própria vida, desolados com a falta de comprometimento social e político, talvez isso lhes traga paz e significado para a vida. Chegando a zona da mata, seus olhos brilham ao ver o chão como terra boa para se plantar, rios que não secam, e que ali nada eis de falta para poder se plantar.

— *Bem me diziam que a terra/se faz mais branda e macia/quanto mais do litoral/a viagem se aproxima./Agora afinal cheguei/nessa terra que diziam./Como ela é uma terra doce/ para os pés e para a vista./Os rios que correm aqui/têm a água vitalícia./Cacimbas por todo lado;/cavando o chão, água mina./Vejo agora que é verdade/ o que pensei ser mentira./Quem sabe se nesta terra/não plantarei minha sina?/ [...]* (MELO NETO, 2010, p.85).

Dallazen (2019, p.3) afirma que: “ao chegar a Zona da Mata, região de relativa prosperidade no interior do sertão fica um pouco deslumbrado com a natureza verdejante do lugar...”. Severino retirante vê que as possibilidades de ali se estabelecer é grande, reconstruindo sua fé, vendo a sua frente tamanha possibilidade, retomando sua esperança de deixar de vez para traz a vida sofrida que levava na caatinga, no entanto, a morte ali também vive, ao observar um enterro de um lavrador sendo realizado no cemitério local.

[...] — *Essa cova em que estás, /com palmos medida,/é a conta menor/que tiraste em vida./— É de bom tamanho,/nem largo nem fundo,/é a parte que te cabe deste latifúndio. [...]* / (MELO NETO, 2010, p. 86).

Ao se analisar em dias atuais, esse trecho representa o que apenas nos pertence em morte e em vida, que seria apenas uma um pedaço de terra com palmos contados, de rasura suficiente para se cobrir o corpo. Retratando também que nada adianta seguir uma vida buscando por bens, terras, riquezas, pois quando

se morre nada disso se leva, que a única coisa que se terá de fato no final da vida é apenas o chão que se é dado para ser enterrado depois de tanto suor gastado.

Somos vivos, mas, também, mortais. Vivemos e morremos, de certo modo, simultaneamente, pois, a cada dia que passa nossa existência tanto vai se ampliando quanto vai se tornando mais curta. No decorrer de nosso existir caminhamos, a cada dia, para viver mais plenamente, assim como para morrer mais proximamente (FORGHIERI, 2012).

Ao chegar à grande Recife, passando pela caatinga vilas e vilarejos e ate mesmo pela Zona da Mata, cai sobre si a duvida, havendo uma inversão de sentimentos, onde antes havia esperança se dando espaço a incertezas de que se realmente valeria a pena toda sua jornada, já que por onde passara, só havia se deparado com a morte, e ali se veria mais uma vez, como um individuo sem muitas oportunidades, com a barriga vazia, sentado ao pé do muro do lado de fora de um cemitério para descansar. Severino ouve dois coveiros conversando entre si:

— E esse povo lá de riba/ de Pernambuco, da Paraíba, /que vem buscar no Recife/ poder morrer de velhice,/ encontra só, aqui chegando,/ cemitérios esperando./ — Não é viagem o que fazem, vindo por essas caatingas, vargens;/ aí está o seu erro:/ vêm é seguindo seu próprio enterro./ [...] (MELO NETO, 2010, p.93).

Mais adiante, Severino se senta a margem do rio Capibaribe, onde se aproxima um senhor conhecido por Mestre Carpina e entre eles se da inicio a um dialogo se tornando notória a decisão de Severino:

[...]— Seu José, mestre carpina, / que diferença faria/se em vez de continuar/ tomasse a melhor saída:/ a de saltar, numa noite,/ fora da ponte e da vida?/ (MELO NETO, 2010, p. 97).

É exatamente nesse ponto no qual Severino, se questiona se haveria mesmo valido a pena sua jornada, observando que onde passara, e ate mesmo ao chegar a grande Recife, apenas a morte encontrou, não vendo sentindo em continuar sua vida. João Cabral de Melo Neto, ao abordar a morte em seu poema, não o trás com intuito de lamento e sim de alivio, sendo representado no seguinte trecho:

[...]— Viverás, e para sempre/na terra que aqui aforas:/e terás enfim tua roça./— Aí ficarás para sempre,/livre do sol e da chuva,/criando tuas saúvas./—

Agora trabalharás/só para ti, não a meias,/como antes em terra alheia./— Trabalharás uma terra/da qual, além de senhor,/serás homem de eito e trator./— Trabalhando nessa terra,/tu sozinho tudo empreitas:/serás semente, adubo, colheita./— Trabalharás numa terra/que também te abriga e te veste:/embora com o brim do Nordeste./— Será de terra/tua derradeira camisa:/te veste, como nunca em vida./— Será de terra e tua melhor camisa:/te veste e ninguém cobiça./— Terás de terra/completo agora o teu fato:/e pela primeira vez, sapato. [...] (MELO NETO, 2010, p. 88).

Esses versos trazem a ideia de que aquele que trabalhou e lutou tanto para conquistar um pedaço de terra para chamá-lo de seu, só o teria de fato quando morrer. “Na verdade, sabemos que morreremos, mas o tema é velado. Parece que não se deve falar sobre a morte. É como se o morrer fosse acontecer com os conhecidos, parentes, nunca conosco” (MORELLI; SILVA, 2015, p.119).

Isso nos remete a ilusão de que tudo pode acontecer com o próximo e nunca com nós mesmos e o não falar sobre o assunto, nos tornam despreparados para enfrentar tal tema com simplicidade, mesmo sabendo que o fim da vida se resume a morte (SIMAN; RAUCH, 2017).

Ao se criar esse espaçamento entre viver e morrer onde, falar de vida é muito melhor do que falar de morte, deve-se analisar o que foi feito em vida, qual legado deixado, buscando esses questionamentos, pode-se afirmar que quando a morte vir, e ela virá, seguirá mais tranquilo.

[...] E se somos Severinos/iguais em tudo na vida,/ morremos de morte igual,/ mesma morte severina:/ que é a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta,/ de emboscada antes dos vinte,/de fome um pouco por dia/(de fraqueza e de doença)/é que a morte Severina/ataca em qualquer idade,/ e até gente não nascida)/ [...] (MELO NETO, 2010, p. 75).

A existência desperta inquietações nos homens, que buscam compreender seus motivos, tentando incessantemente atribuir-lhe um sentido. Diante disso, é possível perceber que o paradoxo da existência, a morte, causa sentimentos contrários, como o medo e a insegurança, pois é algo desconhecido que está relacionado à não-existência (TUY, 2009).

Encontrando a morte em sua jornada mais uma vez, não tão diferente como tantos outros “Serevinos” que vivem no grandioso território brasileiro e que buscam grandes melhorias de vida ao deixarem para trás sua história, suas raízes, e que muitos não imaginam quão será difícil sua vida em meio a cidades grandes. Se

deparando com a morte por falta de alimento e até mesmo assassinada (MORELLI; SILVA, 2015).

— *Desde que estou retirando/só a morte vejo ativa,/só a morte deparei/e às vezes até festiva;/só morte tem encontrado/quem pensava encontrar vida,/e o pouco que não foi morte/foi de vida Severina/aquela vida que é menos/vivida que defendida,/e é ainda mais Severina/ para o homem que retira)/. [...] (MELO NETO, 2010, p.80.)*

Depois de tantas mortes vivenciadas Severino Retirante presencia o nascimento do filho de Seu José, e é nessa fase em que tudo se torna bonito novamente, momento em que todos os retirantes que vivem naquele manguezal oferecem o que tem de melhor a criança recém-chegada. Trazendo consigo a felicidade em vida.

Na cena da conversa com Mulher na janela, já mencionada nesta pesquisa, Severino indaga sobre trabalho para por ali. Observa-se a constatação da do cotidiano da morte como a única possibilidade de ganho seria realizando rezas nos velórios e enterros:

[...] mas diga-me, retirante,/ sabe benditosrezar?/sabe cantar excelências,/defuntos encomendar?/sabe tirar ladainhas, sabe mortos enterrar?/[...] Pois se o compadre soubesse rezar ou mesmo cantar,/ trabalhávamos a meias,/que a freguesia bem dá[...] como aqui a morte é tanta,/vivo de a morte ajudar[...] / sou de toda a região/rezadora titular./[...] De um raio de muitas léguas/vem gente aqui me chamar;/a verdade é que não pude/queixar-me ainda de azar./— Como aqui a morte é tanta,/só é possível trabalhar/nessas profissões que fazem/da morte ofício ou bazar./ (MELO NETO, 2010, p. 81).

Nesse e em outros diálogos da obra, reflete-se que o ser humano não é algo pronto, estático, mas sim sempre em transformação. O homem é resultado das condições que está inserido, mas também das suas escolhas, visto, tratar-se de seres relacionais, objetos e espaços a todo o momento. Cada pessoa se constrói por meio das relações que estabelece com as outras, não como um ajuste, no sentido de adaptação ao meio, nem como uma fatalidade, no sentido do Determinismo, ou seja, quem nasceu assim será sempre assim, mas como uma inter-relação. (CARRASCO, 2019).

Mesmo sabendo que a morte é algo certo na vida, falar sobre isso requer certo cuidado, como afirma Morelli e Silva (2015, p. 119): “falar sobre a morte é sempre um campo objetivo por se tratar de uma verdade incontestável, quando se

trata de um ser vivente”. Portanto, para todos, falar sobre este tema representa tabu, mesmo que saibamos que todo aquele que nasce um dia morrerá, representando a verdade mais banal que nasce e morre conosco. Nessa direção, remetemo-nos à crônica de Cursino (2019) *apud* Nascimento (2020):

A GENTE VAI EMBORA e fica tudo aqui, os planos a longo prazo e as tarefas de casa, as dívidas com o banco, as parcelas do carro novo que a gente comprou pra ter status. A GENTE VAI EMBORA sem sequer guardar as comidas na geladeira, tudo vai apodrecendo, a roupa fica no varal. A GENTE VAI EMBORA, se dissolve, a gente some, toda nossa importância se esvai, essa importância que pensávamos que tínhamos..., a vida continua, ela segue, as pessoas superam e vão seguindo suas rotinas. A GENTE VAI EMBORA, as brigas, grosserias, impaciência, infidelidade, tudo isso serviu para nos afastar de quem só nos trazia felicidade e amor. A GENTE VAI EMBORA e o mundo continua assim, caótico, muito louco, como se a nossa presença ou ausência não fizesse a menor diferença. Aqui entre nós, não faz. Nós somos pequenos, mas nós somos arrogantes, prepotentes, metidos a besta. A GENTE VAI EMBORA. E é bem assim: Piscou, num estalo, a vida vai. O cachorro que eu amo tanto, ele é doado. O cachorro se apega aos novos donos. Os viúvos se casam de novo, eles andam de mãos dadas, apaixonados e vão até ao cinema. A GENTE VAI EMBORA e nós somos rapidamente substituídos naquele cargo que a gente ocupou na empresa. Nós somos substituídos no outro dia. As coisas que nós nem emprestavamos são doadas, algumas jogadas fora. Quando menos a gente espera, A GENTE VAI EMBORA. Aliás, quem é que espera morrer? Se a gente esperasse pela morte, talvez a gente vivesse mais. Talvez a gente colocasse nossa melhor roupa hoje, talvez a gente comesse a sobremesa até antes do almoço. Talvez a gente esperasse menos dos outros. Talvez a gente risse mais, saísse à tarde para ver o pôr do sol, talvez a gente quisesse mais tempo e menos dinheiro. Hoje o tempo voa, amor. A partir do momento em que a gente nasce, começa essa viagem, essa jornada fantástica veloz com destino ao fim, rumo ao fim - e ainda tem aqueles que vivem com pressa! Eu ainda tenho pressa! O que é que eu estou fazendo agora com o tempo que me resta? Que possamos ser cada dia melhores. Que saibamos reconhecer o que realmente importa nesta nossa breve passagem pela Terra. Só isso. Até porque, A GENTE VAI EMBORA.

Mesmo que os existencialistas considerem importante ressaltar que não há separação entre o sofrimento e a existência, não significa que eles exploram tão somente o lado trágico da vida. O estudo e a compreensão dessas temáticas permitem que a realidade humana seja melhor compreendida, bem como permite a compreensão da responsabilidade do ser humano frente a construção de seus ideais de vida (ANGERAMI-CAMON, 1985).

Severino já desesperançado encontra um alento, em meio a tanta morte, se depara com um nascimento e parece que tudo se fez novo. Trata-se do sentimento de felicidade.

— *Compadre José, compadre,/que na relva estais deitado:/conversais e não sabeis/que vosso filho é chegado?/Estais aí conversando/em vossa prosa entretida:/não sabeis que vosso filho/saltou para dentro da vida?/Saltou para dentro da vida/ ao dar seu primeiro grito;/e estais aí conversando;/pois sabeis que ele é nascido./* (MELO NETO, 2010, p. 97).

A partir de uma série de raciocínios que têm como base o fato de o homem ser um animal racional, Aristóteles concluiu que a maior virtude da alma racional é o exercício do pensamento, pelo quê, segundo ele, a felicidade chega a se identificar com a atividade pensante. Sem perder de vista a aplicação prática de suas ideias (SIMAN; RAUCH, 2017).



Ilustração 18 - Nascimento do filho do seu José (Mestre Carpina). Fonte: Print do filme. 2021.

— *Compadre José, compadre,/que na relva estais deitado:/conversais e não sabeis/que vosso filho é chegado?/Estais aí conversando/em vossa prosa entretida:/não sabeis que vosso filho/saltou para dentro da vida?/Saltou para dentro da vida/ ao dar seu primeiro grito;/e estais aí conversando;/pois sabeis que ele é nascido./* (MELO NETO, 2010, p. 97).

A temática da existência é recorrente em versos poéticos. Tendo como base tudo que foi exposto acima, pode-se afirmar que mesmo com todas as dificuldades encontradas ao longo do caminho, inclusive nos versos de Morte e vida Severina. Compreendemos que a morte e a vida traz muitos inquietações e indagações, como Gonzaguinha (1982) analisa nos seguintes versos E a vida/ E a vida o que/é? Diga lá, meu irmão/Ela é a batida de um coração/Ela é uma doce ilusão E a vida// Ela é maravilha ou é sofrimento? /Ela é alegria ou lamento? /O que é? O que é? Meu irmão/Eu fico com a pureza/ /Da resposta das crianças/É a vida, é bonita/E é bonita.

5 CONCLUSÃO

O protagonista Severino se sente incapaz de encontrar características pessoais ou sociais que o diferenciem de tantos outros retirantes, mas sua particularidade o torna um símbolo das regiões assoladas pela seca. As emoções estéticas na plenitude das palavras se confundem com a emoção da vida real.

João Cabral de Melo Neto apresenta uma forma de escrita condizente com a ambientação áspera do nordeste, oferecendo um texto poético carregado de imagens fortes e marcantes. Portanto, a adaptação audiovisual da obra para as telas foi um desafio. Porém, seus idealizadores foram fieis as falas, ao cenário proposto a linguagem imagética.

A obra *Morte e Vida Severina* traz aspectos marcantes da vida no sertão nordestino, onde a presença da morte é constante para quem vive nesse contexto social, o que se colocando em questão o propósito do ser humano em um mundo que não é como deseja ou tenha escolhido. No entanto, segundo a visão do Existencialismo filosófico o que somos não está predeterminado.

O enfoque deste estudo foi observar a existência humana, de modo geral, qual figura como uma incógnita que só tem como verdade absoluta, seu fim. Portanto, a percepção da finitude humana, ou seja, morte e vida representa uma limitação, gerando ansiedade.

Morte e vida Severina trata-se de uma obra universal, pois o sofrimento do homem esquecido pelo poder se espalha como histórico do mundo todo. Também condiz com uma literatura atemporal, pois não se trata de problemas de um passado remoto nem de um presente chocante, mas sim de repetição de histórias deste que o mundo é mundo, o que lhe confere a verossimilhança precisamente perceptível.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. M. (2007). **"Do ensaio à história literária: o percurso intelectual de Ronald de Carvalho"**. Remate de Males, Campinas (27): 265-275, jul.-dez. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702011000200006&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em abr. de 2020.
- AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. **Os aspectos sociais de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, e suas rupturas**. Scripta Alumni, v. 14. 2015. Disponível em <https://revista.uniandrade.br> Acesso em jul.de 2021.
- ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **Psicoterapia existencial: noções básicas**. São Paulo: Traço, 1985.
- BARBOSA, J. A. (2001), **"José Veríssimo. História da literatura brasileira"**. In: Mota, L. D. (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo, Senac, v. 2, pp. 279-298. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000134&pid=S0103-2070201100020000600010&lng=pt. Acesso em abr. de 2020.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antônio . **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006
- CARRASCO, Bruno, **O que é existencialismo?** 2019. Disponível em_ <https://www.existo.com/2019/03/existencialismo.html>. Acesso em jun. de 2021.
- CEREJA, W.R.; MAGALHÃES, T.C. **Literatura Brasileira: em diálogo com outras literaturas e outras linguagens**. São Paulo: Atual, 2005.
- COSTA, Thiago Rodrigues. **Literatura e análise social: morte e vida severina como referência de interpretação sociológica**. Revista Sem Aspas, p. 187-195, 2020. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br> Acesso em jul. 2021.
- COUTINHO, A; COUTINHO, E. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 1997.
- CURADO, Maria Eugênia. **Literatura e cinema: adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação?** Temporis[ação], Goiás, v. 1, nº 9, Jan/Dez, 2007.
- DALLAZEN, Clariane Leila. **Morte e vida Severina – um (des) encontro com a vida**. Policromias-Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som. v. 4, n. 1, p. 170-185. 2019. Disponível em: <https://revista.ufrj.br> Acesso em jul. de 2021.
- FALCÃO, Miguel. **Pelo segundo ano seguido. Anima Mundi não terá longas brasileiros**. Cultura. Globo. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/cultura/pelo->

segundo-ano-seguido-animamundi-nao-tera-longas-brasileiros-2718543#ixzz4wSRMv SIP >. Acesso em: 20 de jun. ago. 2021.

FAQUERI, Rodrigo de Freitas; PEREIRA, Helena Bonito Couto. **Adaptações de Morte e Vida Severina: a intermedialidade na obra de João Cabral de Melo Neto**. 2016. (UPM-Mackenzie) Me. (UPM-Mackenzie/IFSP. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em jun. de 2021.

FIDDAN, Geane Lima. **A identidade do Nordeste do Brasil nas obras morte e vida Severina de João Cabral de Melo Neto e auto da compadecida de Ariano Suassuna**. 2010. Tese de Doutorado. Acesso em jul. 2021.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

FUKS Rebeca. **Uma análise do Poema Os sapos, de Manuel Bandeira**. 2019. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poema-os-sapos-manuel-bandeira/>. Acesso em: 23 de jun. de 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HARDMAN, F. F. (2000), "**Algumas fantasias de Brasil: o modernismo paulista e a nova naturalidade da nação**". In: Decca, S. de & Lemaire, R. (orgs.). *Pelas margens: outros caminhos da história da literatura*. Campinas/Porto Alegre, Editora da Unicamp/Editora da UFRGS, pp. 317-332.

LAFETÁ, J. L. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34. (2000).

LUCAS, F. **O poeta e a mídia: Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Senac, 2003.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina (auto de Natal pernambucano) e outros poemas**. [recurso eletrônico] Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. Disponível em: <https://www.livros.love/> Acesso em jun.de 2021.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina: e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MOISÉS, M. **Literatura Brasileira através dos textos**. 19.ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

MORAES, Marcos A. **Correspondência Mario de Andrade e Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp, 2001.

MORELLI, Sonia Maria Dornellas; SILVA, Ivanil Pereira da. **A presença da Morte e da Vida em' Morte e vida Severina': Algumas considerações teológicas**. Revista Eletrônica Espaço Teológico. v. 9, n. 15, p. 119-133, 2015. Disponível em <https://revista.pucsp.br> Acesso em jul.2021.

NASCIMENTO, Mara. Ap. Pereira. **A paradoxal configuração identitária do sujeito contemporâneo nas entrelinhas do horizonte poética de Humberto Gessinger.** PUC. São Paulo. Sp. 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23486>. Acesso em: jul. de 2021.

NOVROTH, Ana Lúcia Macedo. **A transtextualidade em morte e vida severina: soluções estéticas nas adaptações.** 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Netebook/Downloads/19910-91407-1-PB.pdf>. Acesso em jul. de 2021.

PEREIRA, Helena Bonito Couto; FAQUERI, Rodrigo de Freitas. **Adaptações de morte e vida severina: a intermedialidade na obra de João de cabral de melo neto.** 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu> Acesso em jul. de 2021

POMPÉIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas.** 2.ed. São Paulo: EDUC; ABD, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. **História da poesia modernista.** São Paulo: João Scortecci Editora, 1991.

SANTOS, Paula Cristina Guidelli; SOUZA, Adalberto de Oliveira. **As vanguardas europeias e o modernismo brasileiro e as correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira.** in: celli – colóquio de estudos linguísticos e literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 789-798.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SIMAN, Adriana; RAUCH, Carina Siemieniaco. **A finitude humana: Morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial.** Fac. Sant'Ana em Revista, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2. Sem. 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index..> Acesso em jun. de 2021.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora Petrópolis. 1987.

TUY, Aglaê Estrela. **Existencialismo e a morte.** Disponível em: <http://www.artigos.etc.br/Existencialismo-e-a-morte.html>. Acesso em: 21 de jul. 2021.

VERÍSSIMO, E. **Breve história da Literatura Brasileira.** São Paulo: Globo, 1995.